



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS –
IFG
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – REDE PROFARTES**

DANIEL RICARDO MARTINS

ARTISTAS NEGRAS/NEGROS: POÉTICAS DE RESISTÊNCIA NA ESCOLA

APARECIDA DE GOIÂNIA

Junho, 2023



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☒ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia - Especialização | ☐ Livro |
| ☐ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor:

Matrícula:

Título do Trabalho:

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção 2 ou 3, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☒ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Rondonópolis 07.06.2023
Local Data

Daniel Ricardo Martins

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

DANIEL RICARDO MARTINS

ARTISTAS NEGRAS/NEGROS: POÉTICAS DE RESISTÊNCIA NA ESCOLA

Artigo para o Exame de Trabalho de Conclusão, acompanhado de “Proposta Pedagógica” apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Artes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães

APARECIDA DE GOIÂNIA

Junho, 2023



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - Rede PROFARTES

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO

Aos cinco dias do mês de maio do ano de dois mil e vinte e três, às 14 horas e 30 minutos, no Instituto Federal de Goiás - Câmpus Aparecida de Goiânia, situado na Av. Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd 1, Lt 1-A, Parque Itatiaia, na cidade de Aparecida de Goiânia, Estado de Goiás, foi realizada a sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão de DANIEL RICARDO MARTINS, discente do Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado Profissional em Artes, autor do trabalho intitulado "**Artistas negras/negros: poéticas de resistência na escola.**" A banca foi composta pelos seguintes membros: Prof.^a Dra. Leda Maria de Barros Guimarães; Prof. Dr. Alexandre José Guimarães, Prof. Dr. Henrique Lima Assis, Prof.^a Dra. Ana Rita da Silva, sob a presidência da primeira. Após a apresentação do trabalho, tendo sido o autor arguido pela Banca Examinadora, o aluno foi considerado APROVADO, com as seguintes observações: a) é necessário fazer a revisão textual e técnica, de acordo a ABNT; b) inserir, no produto técnico e educacional, orientações de uso do material; c) fundamentar os termos "racismo", "preconceito" e "discriminação". Encerra-se a presente sessão às 16h horas e 40 minutos. Eu, Prof.^a Dra. Leda Maria de Barros Guimarães, dato e assino a presente ata, que segue assinada por todos os membros da banca e pelo discente.

(assinado eletronicamente)

Prof.^a Dra. Leda Maria de Barros Guimarães
Presidente da Banca - Orientadora (UFG)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Alexandre José Guimarães
Membro Interno (IFG)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Henrique Lima Assis
Membro Externo (UFJ)

(assinado eletronicamente)

Prof.^a Dra. Ana Rita da Silva
Membro Interno (IFG)

(assinado eletronicamente)

Daniel Ricardo Martins
Discente do Mestrado Profissional em Artes

Documento assinado eletronicamente por:

- Henrique Lima Assis, Henrique lima Assis - Outros - Ufj (35840659000130), em 28/05/2023 09:52:24.
- Daniel Ricardo Martins, 20211090120156 - Discente, em 09/05/2023 17:58:27.
- Ana Rita da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 09/05/2023 11:25:36.
- Alexandre Jose Guimaraes, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 05/05/2023 23:27:43.
- LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES, LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES - Outros - Ufg (01567601000143), em 05/05/2023 19:11:04.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 05/05/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 405392

Código de Autenticação: 715e803734



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755

Sem Telefones cadastrados

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães
(Presidente - orientador)

Prof. Dr. Alexandre José Guimarães
(Membro interno)

Prof. Dr. Henrique Lima Assis
(Membro externo / UFJ)

Profa. Dra. Ana Rita da Silva
(Suplente / externo, IFG)

ARTISTAS NEGRAS/NEGROS: POÉTICAS DE RESISTÊNCIA NA ESCOLA

DANIEL RICARDO MARTINS

RESUMO

Esta proposta artístico-pedagógica problematiza a ausência de representatividade de artistas negras/negros nos conteúdos ensinados em artes, com o objetivo de contribuir com o ensino de arte na escola em que exerço o papel de mediador e atender à Lei nº 10.639/03. Como professor de arte, incomoda-me a precaridade de referências de artistas negras/negros nos conteúdos ensinados, bem como em projetos e outras ações pedagógicas. A pesquisa aconteceu na Escola Estadual Joaquim Nunes Rocha, localizada em Rondonópolis-MT, com discentes do 1º ano do Ensino Médio, a partir de ações pedagógicas sobre o racismo e a discriminação no espaço escolar, propiciando reflexões sobre as contribuições das artistas negras/negros no ensino de arte. Para a realização da pesquisa, escolhi obras de artistas negras/negros, construindo pranchas com perguntas problematizadoras e informações sobre autoria, técnica, título, ano e vídeos com entrevistas dessas/es artistas. Ditas imagens, aliadas às discussões em oficinas de xilogravura, serviram como referências para as/os discentes na elaboração de outras imagens. Como metodologia de pesquisa, escolhi a pesquisa-ação de caráter intervencionista, articulando com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1998), a fim de promover uma transformação reflexiva e crítica no contexto escolar.¹

Palavras-chave: ensino de artes visuais; racismo; imagens; negras/negros; discriminação.

RESUMEN

Esta propuesta artística-pedagógica problematiza la ausencia de representatividad de artistas negras/os en los contenidos impartidos en Arte, con los objetivos de contribuir con la enseñanza de Arte en la escuela en la ejerzo el papel de mediador y en cumplimiento de la Ley n.º 10.639/03. Como profesor de Arte, me molesta la precariedad de referencias de artistas negras/os en los contenidos impartidos, así como en proyectos y otras acciones pedagógicas. La investigación tuvo lugar en la Escuela Estatal Joaquim Nunes Rocha, ubicada en Rondonópolis-Mato Grosso, con discentes del primer año de secundaria, a partir de acciones pedagógicas sobre el racismo y la discriminación en el espacio escolar. La acción propició reflexiones sobre las contribuciones de artistas negras/os en la enseñanza de Arte. Para la realización de la investigación, elegí obras de artistas negras/os, acompañadas de fichas con preguntas problematizadoras e informaciones de autoría, técnica, título,

¹ Essa pesquisa contou com a colaboração/participação de sujeitos, com **aprovação** pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/IFG, Plataforma Brasil, sob o **Número 58158622000008082**.

año y videos con entrevistas de esas/os artistas. Dichas imágenes, asociadas a las discusiones en clase, actuaron como referencias para las/los discentes en la elaboración de otras imágenes. Como metodología de investigación, elegí la investigación acción de carácter intervencionista, articulada con el enfoque triangular de Ana Mae Barbosa (1998), con el objetivo de promocionar una transformación reflexiva y crítica en el contexto escolar.

Palabras clave: enseñanza de artes visuales; racismo; imágenes; negras/os; discriminación.

1 Introdução

O presente artigo tem como tema a proposta pedagógica **Artistas negras/negros: poéticas de resistência na escola**, que tem como foco promover uma intervenção educativa por meio de oficinas de xilogravura no sentido de enfrentar, discutir e problematizar a ausência de representatividade de artistas negras/negros nos conteúdos ensinados em arte no Ensino Médio, na Escola Estadual Joaquim Nunes Rocha, no município de Rondonópolis-MT. Apesar dos avanços em relação à luta antirracista na educação, fomentada pela lei 10.639/03, lançada há 20 anos. Sinto que é preciso discutir a ausência de artistas negras/negros em toda sociedade, não ficando só por conta da educação, a sociedade civil necessita participar dessas discussões antirracistas.

Percebo efeitos significativos desenvolvidos nas escolas públicas como: projetos afros, mostrando e valorizando a cultura afro, palestras, rodas de conversas, desfiles de beleza negra, entre outros e também nos materiais didáticos como coleções no PNLD (Plano Nacional do Livro Didático), que começam a chegar nas escolas públicas de Mato Grosso para o Ensino Fundamental sobre História Afro-brasileira e Indígena, porém o material apostilado oferecido para o Ensino Médio pelo estado, permanece a ausência de representação de negras/negros nos conteúdos de arte.

Para o aprofundamento da pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto Federal de Goiás, campus Aparecida de Goiânia, houve uma imersão em poéticas e metáforas de artistas negros, especificamente no campo das Artes Visuais. Durante a realização das oficinas de xilogravura, foram desenvolvidas práticas pedagógicas que estimularam a construção de um pensamento crítico das/os discentes sobre a herança racista e discriminatória na educação brasileira, bem como a apresentação de algumas bibliografias/ imagens que contrapõem essas narrativas no intuito de criar estratégias para o enfrentamento ao racismo e à discriminação na escola e na sociedade por meio da arte.

Como professor/artista/pesquisador de arte, fiz uma seleção de imagens construídas por artistas negras/negros propondo debates sobre as questões de racismo e discriminação em diferentes esferas, como na sociedade, na mídia, na educação e na escola. Esses debates (conversas, pensamentos, ideias) foram

transformados em desenhos/gravuras em oficinas de xilogravura, adotando uma didática subsidiada pela Lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003), que torna obrigatória, no currículo do Ensino Básico, a introdução de conteúdos de história da África e cultura afro-brasileira, especificamente na proposta curricular de história, língua portuguesa (literatura) e arte. A lei é conhecida há duas décadas na educação brasileira, sendo utilizada por alguns profissionais da educação em planejamentos de projetos que envolvem as questões étnico-raciais na escola, plano de aula, no plano anual, entre outros documentos concernentes à rotina escolar. No ano de 2008, a referida lei sofreu alteração, incluindo as culturas indígenas e suas histórias através da Lei nº 11.645/08 (BRASIL, 2008). Entretanto, para a realização desta pesquisa e estudo do objeto pesquisado, concentrei-me nos aspectos legais pertinentes à cultura afro-brasileira nas Artes Visuais.

As escolas e as salas de aula são ambientes complexos de serem pesquisados, porém as potencialidades são inúmeras. É nesse espaço que acontece a interação de vários grupos de discentes com suas identidades, crenças, valores, personalidades, histórias pessoais, interesses e experiências. São características que potencializam a pesquisa e os conteúdos ensinados em arte. Para estimular uma educação antirracista, busquei recursos teóricos/didáticos para melhorar a prática pedagógica do ensino de arte e na pesquisa, como da professora/pesquisadora Ivone Richter (2002), que propõe a inclusão da pluralidade cultural no ensino de arte, desenvolvendo experiências concretas fundamentadas na perspectiva multicultural das/dos discentes:

[...] o ensino da arte deve se caracterizar por uma educação predominantemente estética, em que padrões culturais e estéticos da comunidade, da família, sejam respeitados e inseridos na educação, aceitos como códigos básicos dos quais se deve construir a compreensão e imersão a outros códigos culturais (RICHTER, 2000, p. 84).

Apoiamo-nos ainda nas considerações de Ana Mae Barbosa (2005), que explica que, com o processo de redemocratização no Brasil, surgiu entre os professores da arte brasileira o interesse pela multiculturalidade baseado na diferença de classes sociais. Portanto, precisa-se perceber na multiculturalidade das classes sociais, maneiras distintas de manifestação de arte que se concentram no espaço escolar. Apesar de Richter e Barbosa serem importantíssimas na discussão

da abordagem da multiculturalidade presente na escola no ensino de arte, percebo que tal discussão não dá mais conta de suprir a real necessidade de debater as questões étnico-raciais existentes na escola. Por isso busco em outros autores fundamentação teórica para refletir e apresentar aos meus discentes tais questões. Entre eles Djamila Ribeiro, Kabengele Munanga, Antônio Olímpio Sant'Ana, entre outros.

Para Djamila Ribeiro, a discriminação e o racismo são influenciados pelo poder econômico e social de uma sociedade dividida em classes. Segundo Ribeiro: (2019, p. 10), “[...] o racismo está arraigado em nossa sociedade, criando desigualdades e abismos sociais para a população negra brasileira”. Já Kabengele Munanga (2003) explica que o racismo surge a partir do uso dos caracteres biológicos para justificar um comportamento que pode levar à hierarquização das raças em superiores e inferiores. Concordo com Ribeiro e Munanga quando observo comportamentos racistas e de superioridade praticados na escola por coordenação, professores, diretores, discentes brancos em relações aos discentes negros, quando essas atitudes acontecem na escola, difundimos um abismo maior para as desigualdades entre brancos e negros. Já a discriminação é o nome dado para a conduta de exclusão de pessoas violando direitos com base em critérios injustos, como a raça, sexo, idade, a crença religiosa, entre outros.

A discriminação resulta na violação dos direitos de pessoas. No caso da discriminação escolar é a violação do direito dos discentes com base em alguns critérios pré-estabelecidos por grupos que julgam serem superiores aos demais. Para Antônio Sant'Ana (2005) a discriminação étnico-racial nas escolas, está ligada a práticas discriminatórias que envolvem um universo composto de relações raciais pessoais entre os discentes, professores, direção da escola, mas também o forte racismo repassado através dos livros didáticos. Não nos esquecendo, ainda, do racismo institucional, refletido através de políticas educacionais que afetam negativamente o negro. Como é de conhecimento de todos há vários critérios adotados por autoras/res que definem o racismo e a discriminação de acordo com suas pesquisas, estudos, observações, contextos históricos, entre outros critérios. Para esta pesquisa, busquei orientações mais nesses autores citados. Acredito que o racismo e a discriminação precisam ser discutidos diariamente em nossas relações pessoais, interpessoais, no ambiente de trabalho e principalmente, na escola. Só

assim poderemos diminuir o racismo e a discriminação existentes dentro de cada um de nós.

Ainda Munanga (2005) escreve reflexões aos professores da educação básica de como podem desenvolver no espaço escolar temas que permitam formar discentes conscientes, possibilitando ampliar seus conhecimentos na diversidade cultural brasileira e no pensamento crítico, por meio dos currículos escolares ensinados em sala de aula. Segundo Munanga (2005, p. 15):

[...] preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar. No entanto, alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional.

Para a construção da proposta artístico-pedagógica, utilizei a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1998). Esta proposta articula o fazer artístico, a leitura e a contextualização, compreendendo a arte como expressão cultural do povo brasileiro e de outros povos. Portanto, para conduzir a construção da proposta junto às/aos discentes do ensino médio, inicialmente, escolhi quatro artistas negras/negros, sendo: **Rosana Paulino** e suas imagens questionadoras sobre as condições da população negra; **Renata Felinto** com suas pinturas em autorretratos; **Galvão Pretto** com suas esculturas da série Jacaré Bocudo; e **Rubem Valentim** com seus objetos simbólicos da cultura afro. As imagens dessas/desses artistas serviram como referências para as/os discentes na elaboração de outras imagens nas oficinas de xilogravura.

Como professor/artista/pesquisador, entendo que é necessário um posicionamento crítico no ensino de arte na educação básica. Defendo que é preciso fazer o enfrentamento de várias maneiras contra o racismo e a discriminação, acreditando que o melhor caminho para combater o preconceito étnico-racial é uma educação pautada no multiculturalismo. Debater sobre esse tema poderá ser uma forma de buscar a sua superação.

Nessa direção, a presente pesquisa buscou formas de leituras críticas sobre as questões racistas e discriminatórias no ensino de arte, afim de responder à pergunta: de que maneira o ensino de arte poderia contribuir para a

representatividade de artistas negras/negros nos conteúdos da educação básica, colaborando para uma educação antirracista?

Dessa maneira, procuro me aprofundar nas experiências obtidas no desenvolvimento da pesquisa, na intenção de colaborar com a representatividade de artistas negras/negros da cultura afro brasileira por meio dos conteúdos no ensino de Artes Visuais.

2 Gênese: imaginações e criações

Na gênese do projeto, foi pensada, como diagnóstico, uma sondagem dos conhecimentos adquiridos no cotidiano das/os discentes sobre racismo e discriminação, para traçar um planejamento a ser percorrido durante a realização da proposta artístico-pedagógica nas oficinas de xilogravura. Segundo o dicionário da língua portuguesa Larousse (2016, p. 551): “[...] gênese é a formação dos seres a partir de uma origem”. Pensar a formação das/os discentes fora da escola é necessário para compreendê-las/los em seu tempo e espaço como sujeitos atuantes e participativos nas ações transformadoras das práticas pedagógicas das/os docentes. Nesse sentido, o diagnóstico visa dialogar com as práticas pedagógicas na sala de aula através dos conhecimentos vivenciados pelas/os discentes fora da escola. Para Gandin (2001, p. 89-90):

A construção em conjunto acontece quando o poder está com as pessoas independentemente dessas diferenças menores, e fundamentado na igualdade real entre elas. Aí se pode construir um processo de planejamento em que todos, como seu saber próprio, com sua consciência, sua adesão específica, organizam seus problemas, suas ideias, seus ideais, seu conhecimento da realidade, criam o novo, em proveito de todos e com o trabalho coordenado.

Assim o momento gênese constituiu um trabalho coordenado pelo professor/artista/pesquisador afim de perceber os conhecimentos das/os discentes sobre os temas racismo e discriminação, para posteriormente o professor planejar a proposta artística-pedagógica a partir desses conhecimentos e convidá-las/los para participar da pesquisa na escola.

Nesse momento, iniciei a atividade com a turma de adolescentes de diferentes classes sociais, participantes de culturas e religiões distintas.

Algumas/uns trabalham para ajudar em casa, outras/os fazem cursos profissionalizantes no contraturno, outras/os só estudam, uma turma miscigenada de pessoas brancas, negras e pardas. Dividi a turma em dois grupos, um com nove discentes e outro com oito, de ambos os sexos. Em seguida, escrevi as orientações para a realização da atividade na lousa, começando pelas palavras-chave: racismo/discriminação, artistas negras/negros. Depois solicitei que pensassem nas palavras-chave e que conversassem entre si sobre o assunto. Após a conversa com o grupo, provoquei as/os discentes para que construíssem uma escultura inspirada nas palavras-chave.

Para a construção da escultura, disponibilizei os seguintes materiais para cada grupo: papel *Kraft*; tinta guache preta, marrom e branca; pincéis; TNT preto; tesoura; barbante e fita crepe. Também determinei regras para a construção das esculturas:

- 1ª regra: a escultura não poderia ser menor que trinta centímetros e nem maior que um metro. (Percebi que a primeira regra deixou os membros dos grupos apreensivos, para conseguirem atingir o tamanho certo. Então orientei que não ficassem presos ao tamanho da escultura);
- 2ª regra: não poderiam usar cola, réguas e nem grampos;
- 3ª e última regra: poderiam usar tinta guache de cor preta, marrom, branca, barbante, fita crepe e TNT na construção da escultura.

Os grupos foram denominados A e B, para identificá-los no processo de construção. Os dois grupos ficaram retraídos no início da atividade proposta, mas do meio para o fim da aula, ocorreu maior interação entre os membros de cada grupo na construção da escultura.

O grupo A iniciou primeiro a construção, porém terminou por último a escultura, a qual foi finalizada por dois discentes. Uma discente sugeriu a esse grupo que construíssem uma mão com frases antirracistas. O grupo acatou a ideia. Iniciaram desenhando uma mão no papel *Kraft*, depois recortaram o desenho, porém, este não tinha volume, então outra discente sugeriu que rasgassem o papel e fossem amassando para dar volume à mão, utilizando uma fita crepe para fixar o papel amassado.

O grupo A não encontrava uma solução para fixar a mão de modo que pudesse deixá-la em pé; desse modo, o professor/artista/pesquisador sugeriu que se fizesse uma base usando o TNT, e no mesmo instante um discente disse: “Professor, o TNT não molda, ele é mole”. O grupo ficou em silêncio por alguns segundos, até que outro discente deu a ideia de fazerem uma base com papel *Kraft* e encher com TNT. Assim o fizeram encontrando a solução para fixar a escultura e deixá-la em pé.

Quando a escultura estava pronta, o grupo decidiu pintar a mão de cor preta, mas por causa da umidade da tinta guache, os dedos da escultura entortaram e ficaram caídos, deixando as/os discentes apreensivas/os com essa situação. Porém encontraram alguns palitos de fósforos em um armário, colocaram atrás dos dedos com auxílio da fita crepe, deixando os dedos da mão da escultura na posição correta (Figura 1).

A partir dessa atividade, reflito na escolha da pesquisa-ação utilizada como metodologia desta pesquisa, a qual tem por objetivo compreender como obras de artistas negras/negros poderiam transformar o ensino de arte, estimulando a conscientização das/dos discentes para uma educação antirracista. Esse tipo de pesquisa envolve um plano de ação, objetivos, processos de experimentação e de acompanhamento, flexibilidade da ação e relato do processo (ANDRÉ, 1995).

Figura 1 – Chega de Racismo.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

O grupo B começou tímido, no entanto uma discente sugeriu ao grupo que construísse uma escultura de uma mulher com balde na cabeça. A própria discente começou recortando o papel *Kraft*, amassando-o e moldando a cabeça. O restante do grupo começou a se interessar pela ideia e foi amassando e adicionando o papel para dar volume. Em seguida, outra discente sugeriu que fizessem uma criança, colocando-a nos braços da mulher. O grupo estava envolvido na construção dos braços, cabelos e roupas da escultura, quando questionei se tinham desistido da ideia de colocar a criança nos braços da mulher e o balde na cabeça. Foi quando ouvi falas preconceituosas, estereotipadas sobre o povo africano de uma discente: “Lá na África as mulheres têm muitos filhos (risos)”; “[...] elas não conhecem camisinha”. Segundo Ribeiro (2019, p. 25):

[...] é preciso notar que o racismo é algo tão presente em nossa sociedade que muitas vezes passa despercebido. [...] Ou então quando, ao escutar uma piada racista, as pessoas riem ou silenciam, em vez de repreender quem a fez o silêncio é cúmplice da violência. Muitas vezes, pessoas brancas não pensam sobre o que é o racismo, vivem suas vidas sem que sua cor as faça refletir sobre essa condição. Por isso, o combate ao racismo é um processo longo e doloroso.

Nesse sentido, pode-se concluir que apresentar alguns caminhos de reflexão aos discentes, recuperando contribuições importantes dos povos negros em diversos segmentos da sociedade, talvez possa contribuir para combater o preconceito (RIBEIRO, 2019).

Retomando a construção da escultura, outro discente disse ao grupo: “Vamos utilizar o cone do barbante para construir o balde (cesto)” e, em conjunto, as/os discentes usaram o cone para moldá-lo.

Depois o grupo queria colocar trigo no balde, até recortaram o papel *Kraft*, mas desistiram da ideia. Outra discente sugeriu colocar um lenço (turbante) na cabeça da escultura, e as/os estudantes fizeram algumas tentativas com o TNT, mas não gostaram. Então, alguém do grupo propôs fazer tranças usando o barbante para colocar na cabeça da escultura, no que o grupo concordou. Uma das discentes pediu para os meninos ajudarem a fazer as tranças. Imediatamente eles responderam que não sabiam fazê-las. Nessa hora ouvi uma fala engraçada de um discente: “Professor, não vou ter filha mulher porque vou ter que fazer tranças, colocar laços na cabeça dela, os homens são bem mais fáceis de cuidar”.

Depois desse momento, passaram alguns dias da apresentação do projeto de pesquisa na sala de aula e entregas dos termos de consentimento para serem assinados pelas/os responsáveis das/dos discentes interessadas/os em colaborar com a pesquisa, esse mesmo discente relatou que estava implorando a sua mãe para assinar os termos de consentimento, TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e Consentimento para o uso de imagem (foto/vídeo) na veiculação da pesquisa, para que ele pudesse participar da pesquisa, mas ela não quis assinar. Alguns dias antes de começar os momentos, ele entregou os termos assinados.

Por fim, as discentes iniciaram as tranças, deixando para os meninos terminarem e assim eles o fizeram. Já com a escultura pronta, surgiu um problema: como deixar a escultura em pé? Foi então que sugeri ao grupo colocar um copo de

plástico, que estava no armário, debaixo da saia, para deixá-la estável e em pé, e assim o fizeram. A escultura ficou pronta com cesto nas costas, criança colocada nos braços da mulher e cabelos trançados com barbantes (Figura 2).

Figura 2 – Mãe Negra.



Fonte: Acervo do autor (2022).

Durante a construção da escultura, percebi nas conversas em grupos, nas ideias, nas próprias esculturas prontas, que os conhecimentos das/os discentes estavam muito ligados à escravização de pessoas negras no passado, com o serviço braçal (pesado), com a figura do negro sendo açoitado, do negro mal vestido, com pés descalços e com imagens encontradas na internet sobre o racismo e a discriminação. Percebo que o racismo e a discriminação, que acontece no espaço escola é consequência da falta de impunidade de pessoas que cometem o crime de racismo nesse espaço. A gestão escolar não deixa denunciar tal crime, por medo de responder judicialmente ou para evitar escândalos na mídia. Segundo o teólogo Antônio Olímpio Sant'Ana (2005, p. 49):

A discriminação e o preconceito foram se fortalecendo no dia-a-dia, criando fortíssimas raízes no imaginário popular, chegando ao ponto no qual nos encontramos hoje. O racismo tomou-se uma ideologia bem elaborada, sendo fruto da ciência europeia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. E esta ideologia racista ganha força a partir da escravidão negra, adquirindo estatuto de teoria após a revolução industrial europeia.

Quando observo atos de discriminação e de racismo na escola e nada faço, estou colaborando para seu fortalecimento, todos ali são responsáveis por combater tais atos.

Foi a partir do momento *Gênese²: imaginações e criações* que pude refletir e planejar as atividades artístico-pedagógicas no ensino de artes sobre as/os artistas negras/negros nas oficinas de xilogravura que seriam realizadas depois.

3 Idealização: capacidade de modificar e adaptação da proposta

O momento de idealização foi a hora de organizar, planejar como poderia ser executada a proposta artístico-pedagógica a partir das ideias e dos conhecimentos prévios das/dos discentes. Uma proposta que apresentasse as obras de artistas negras/negros de maneira provocativa e questionadora, fazendo-os refletir sobre as condições, impostas ao longo dos séculos aos afro-brasileiros e principalmente aos artistas afros que foram excluídos do ensino de arte, mostrando aos discentes que esses artistas sempre estiveram presentes na produção das Artes Visuais brasileiras e que suas obras são usadas como forma de protesto e de combate ao racismo e à discriminação. Segundo o documento *Relações étnico-raciais e de gênero*, editado e produzido pelo Ministério da Educação:

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel

² No momento *Gênese: Imaginações e Criações*, os responsáveis pelas/os discentes não tinham assinado os termos de consentimento (TALE, TCLE) e o termo de uso de imagem, exigido pelo CEP. Sendo assim, não poderia nomear as/os discentes nesse momento.

preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (BRASIL, 2004, p. 6).

Organizar uma proposta que tenha como objetivo possibilitar experiências artísticas às/aos discentes, provocando o fazer, refletir e contextualizar (BARBOSA, 1998) com obras da cultura afro-brasileira que propiciem experiências visuais e artísticas no ensino de arte na escola, é oportunizar se reconhecerem como produtoras/es ativas/os de uma educação antirracista, levando-as/os a compreender os inúmeros desafios sofridos pelas pessoas negras desde a colonização até os dias atuais. A proposta artístico-pedagógica idealizada por mim como professor/artista/pesquisador tencionou contribuir com o reconhecimento das culturas africanas e afro-brasileira, demonstrando, através do ensino de arte, que as/os negras/negros foram e são fundamentais para a formação artística brasileira.

Sendo assim, entendo que a formação artística deu-se pelas culturas herdadas das pessoas negras escravizadas. Essa formação pode ser observada na música brasileira em vários ritmos, tais como pagode, samba e axé; nas danças, como maracatu, samba de roda e congada; no teatro experimental do negro (TEN); e não podemos nos esquecer do primeiro palhaço negro do Brasil, Benjamim Oliveira (1870-1954); nas Artes Visuais, com pintoras/es e escultoras/es como Yêdamaria, Maria Auxiliadora, Mônica Ventura, Estevão da Silva, Arthur Timótheo e Mestre Aleijadinho. Como dito anteriormente, um dos objetivos desta investigação foi compreender como as obras construídas por artistas negras/negros poderia, por meio do ensino de arte, colaborar para o combate ao racismo e à discriminação na escola e na sociedade.

Para aplicar a proposta artístico-pedagógica nas oficinas de xilogravura, elaborei um plano de ação (Figura 3) no qual descrevo como pretendo realizar a proposta. Com ênfase na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1998) articulada com a pesquisa-ação, as/os discentes foram estimuladas/os a tomar consciência das transformações que possivelmente ocorreriam em si, durante os diálogos nas oficinas.

Figura 3 – Plano de ação elaborado para a pesquisa.



(continua)

Fonte: Acervo do autor (2022).

O principal objetivo do plano de ação foi facilitar a imersão do professor/artista/pesquisador no contexto de seu objeto de estudo, além de contribuir para a focalização das questões levantadas durante o processo de investigação. Ao idealizar o plano de ação e sua execução com as/os discentes no

espaço escolar, é importante atentar para a flexibilidade em relação a mudanças e adaptações. Nesta direção Guimarães (2009, p. 130) assinala que:

Capacidade de mudança e de adaptação são requisitos da aprendizagem em artes, pois a base dessa aprendizagem é a pesquisa e a investigação. As capacidades de flexibilidade, mudança e adaptação são também importantes para reconhecermos a situação cambiante das atuais identidades em situações educacionais ou em contextos pedagógicos.

Com efeito, a própria proposta artístico-pedagógica desta pesquisa foi adaptada e modificada inúmeras vezes até que senti ter encontrado o ponto de equilíbrio. Durante o primeiro momento do plano de ação, a proposta foi que as/os discentes assistissem a um vídeo com entrevistas de artistas negras/os explicando seus processos de criação. Após assistirem o vídeo, eu entregaria uma prancha com obras contendo informações técnicas e uma pergunta problematizadora para responderem individualmente.

Percebi que as/os discentes queriam responder às perguntas de acordo com a ideia e falas das/os artistas entrevistadas/os mostradas/os no vídeo, demonstrando insegurança em suas próprias respostas. Então, modifiquei o plano de ação propondo que as/os discentes respondessem as perguntas em dupla antes de assistirem aos vídeos das/dos artistas. Assim, as/os discentes poderiam expor suas ideias sem ser influenciadas/os de antemão, o que permitiria autonomia para gerar suas próprias reflexões. Assim, depois de assistirem aos vídeos, deveriam responder novamente às perguntas problematizadoras, podendo modificar suas respostas.

O plano de ação idealizado foi revisitado inúmeras vezes durante o desenvolvimento das oficinas, além de ter sido adaptado para cada momento de acordo com as necessidades observadas pelo professor. Deixo o plano de ação detalhado em apêndice (Apêndice A) no artigo para ser lido e utilizado por outras/os professoras/es de arte.

A partir da idealização do plano, relato a execução dos seis momentos com as/os discentes, começando pelas obras do artista Galvão Pretto.

3.1 MOMENTO I – Seduzir o olhar das/os discentes na arte de Galvão Pretto

Figura 4 – Artista Galvão Pretto.



Fonte: Cultura...(2023).

Neste primeiro momento, busquei seduzir o olhar das/os discentes a partir das metáforas produzidas na arte de Ilacir Galvão dos Santos, conhecido como Galvão Pretto, natural do estado de Rio de Janeiro, e que mora e trabalha em Campo Grande-MS, desde 1999. Ele estudou Artes Plásticas, Pinturas e Modelagem na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e também foi professor da Uniderp/Anhanguera no estado de Mato Grosso do Sul. Possui vasta experiência na área de Artes com ênfase em diversas atividades culturais, como exposições coletivas e individuais. Já organizou eventos de curadoria em Artes Visuais, debates, produções de textos, palestras, cursos de capacitação, entre outras atividades.

Conhecer as obras de Galvão Pretto é entender como o ensino de arte e a criação artística desse artista poderão desconstruir as práticas discriminatórias reproduzidas nas ações cotidianas dentro da escola, despertando o olhar crítico das/dos discentes nas suas relações sociais, culturais e individuais nesse espaço. Sendo assim, o espaço escolar passa por constantes transformações a cada momento, de modo que as relações socioculturais e as trajetórias das/os discentes têm a contribuir com ações metodológicas para o ensino de arte; afinal, “[...] a vida

cotidiana dos homens continua a ser produzida a partir de dados culturais, como lugar de produção e de reprodução dos ritmos culturais” (TEDESCO, 2004, p. 44).

Nesse sentido, é importante olhar as ações cotidianas no espaço escolar e na sala de aula para que as próprias relações intersubjetivas entre sujeitos e processos de ensino e aprendizagem apontem caminhos metodológicos possíveis num ensino sistêmico e significativo, não enxergando a sistematização do ensino como algo acabado, mas numa perspectiva transformadora dos sujeitos envolvidos na proposta artístico-pedagógica.

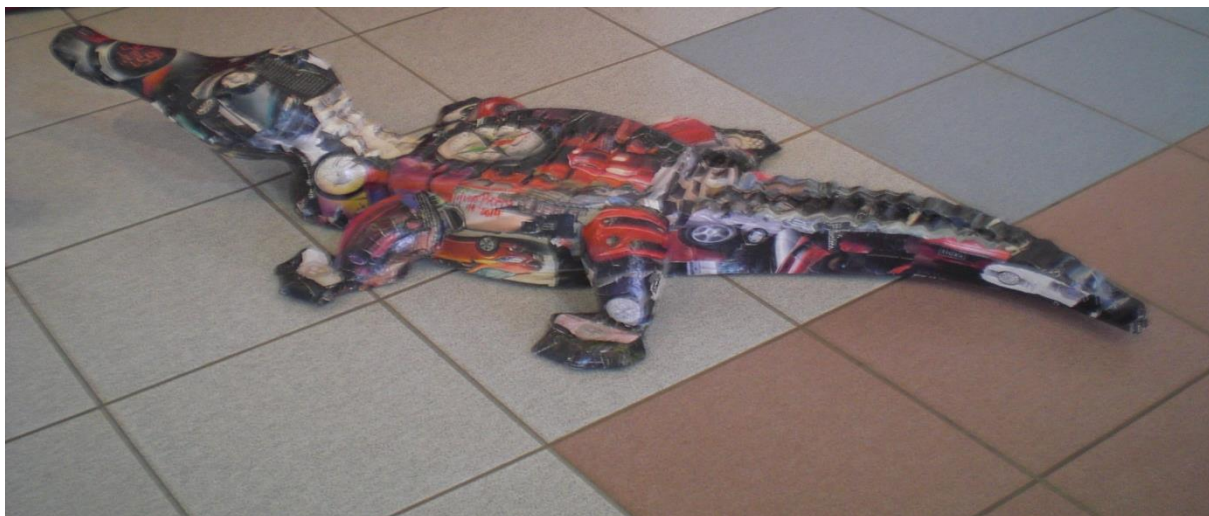
A pesquisadora e pedagoga Maria Amélia Santoro Franco desenvolve suas práticas investigativas através da pesquisa-ação como um instrumento pedagógico. Segundo Franco (2005), a pesquisa-ação tem por finalidade melhorar a prática educativa docente. Portanto, nesta investigação, utilizo dessa metodologia na sua execução.

Para a execução desta proposta, adoto seis conceitos de pesquisa-ação: a) a ação conjunta entre pesquisador-pesquisadas/os; b) a realização da pesquisa em ambientes onde acontecem as próprias práticas; c) a criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos crítico-reflexivos sobre a realidade; d) reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e de massacre da rotina; e) ressignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sócio históricas; f) o desenvolvimento cultural dos sujeitos da ação.

Acredito que partindo desses conceitos da pesquisa-ação, das reflexões de cada momento das perguntas e respostas das/dos discentes, articuladas com o fazer artístico, ofereci condições para que elas/es se transformem em sujeitos críticos e atuantes nas questões étnico-raciais.

A partir dessa contextualização, as/os discentes foram convidadas/os a assistir a entrevista de Galvão Pretto no programa Primeira Pessoa no canal do *YouTube*. Terminado o vídeo, passamos a responder as perguntas, utilizando as pranchas com obras do artista com perguntas problematizadoras a serem respondidas individualmente. Vou anexando as pranchas utilizadas em todos os momentos na escrita do texto.

Figura 5 – Prancha 1 do artista Galvão Pretto.



Fonte: PRETTO, Galvão. *Top de linha*. 2014. Técnica mista. Série Jacaré bocudo.

A primeira imagem foi da escultura *Top de linha* (Figura 5), construída com papel *Kraft*, goma de mandioca e recortes de revistas com relógios caríssimos e imagens de Ferrari com as perguntas:

Para a composição final dessa escultura, Galvão utilizou recortes de revistas dos carros e relógios mais caros do mercado. Por que você acha que o artista escolheu esses produtos para fazer a pele do jacaré? Que questões ele pretende provocar? Que faixa da população tem acesso a esses objetos? Justifique.

As/os discentes estavam acanhadas/os para responder as perguntas individualmente. Foi a partir dessa timidez que fiz a primeira reflexão e mudança no plano de ação para o momento I.

Solicitei que respondessem juntas/os, apoiando-se mutuamente. Até que o discente Valdemir disse: “O artista escolheu os carros e relógios mais caros do mercado para dar mais valor à sua obra”; “Ele estava falando do consumismo humano na escultura”; “Quem compra esses objetos são os burgueses, pessoas ricas”.

A outra imagem foi a escultura *A flor da pele* (Figura 6) construída do mesmo material da escultura anterior, utilizando os recortes de revistas masculinas para fazer a pele de um jacaré. A pergunta pedia que as/os discentes observassem a escultura e conversassem entre si antes de responderem às seguintes perguntas:

Por que o artista deu o título A flor da pele a essa escultura? Que sensações visuais a escultura provoca em vocês? Que temas atuais poderiam ser discutidos a partir desse trabalho?

Para a pergunta sobre o nome da escultura, o discente João Vitor respondeu: “Porque a escultura foi feita de recortes de revistas de pessoas nuas”. A discente Andreilla respondeu que a imagem provocava a discussão da discriminação de pessoas com doenças de pele.

Figura 6 – Prancha 2 do artista Galvão Pretto.



Fonte: PRETTO, Galvão. *A flor da pele*. 2014. Técnica mista. Série Jacaré bocudo.

Para finalizar a discussão, foi apresentada a obra do artista *Favela do Jacarezinho* (Figura 7) com as perguntas:

Observando o desenho do artista, podemos identificar quem são os moradores (as) desse lugar? Converse com os colegas sobre as características desse lugar em relação à oportunidade de trabalho, estudo, lazer etc. Todos os locais de uma cidade se parecem com este? Por quê?

A discente Natiele respondeu: “Pessoas de baixa renda, sem muitas condições”; “O lugar onde a favela está é diferente do centro do Rio de Janeiro, no centro tem as praias, lojas grandes, *shoppings*”.

Figura 7 – Prancha 3 do artista Galvão Pretto.



Fonte: PRETTO, Galvão. *Favela do jacarezinho, RJ*. 2010. Técnica: grafite sobre papel.

As respostas dadas foram breves, talvez por causa de sua timidez nesse momento ou porque não conheciam as obras e nem o artista. Penso que as/os arte/educadoras/es precisam disponibilizar obras de artistas que não estão nas apostilas ou livros didáticos, ampliando o repertório de conhecimento de novas obras e artistas aos discentes.

Após responderem as perguntas contidas nas pranchas, pedi que cada discente, a partir da entrevista do artista e de suas reflexões sobre as metáforas presentes nas obras, criasse um desenho mostrando o que foi discutido nesse momento (Figura 8).

Essa ação de desenhar foi solicitada em todos os momentos em que estivemos reunidos de acordo com o plano de ação da proposta artístico-pedagógica.

Figura 8 – Processo criativo individual.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

Essa proposta artístico-pedagógica buscou aplicar uma ação educativa que dessa sua parcela de contribuição na tomada de consciência das/os discentes envolvidos nesta pesquisa na luta contra o racismo e discriminação. Para melhor compreensão da luta antirracista é preciso entender o que é o racismo e seus desdobramentos a partir do entendimento de que é necessário criar novos caminhos pensando estratégias de combate ao racismo (GOMES, 2005). Nesse sentido, a proposta artístico-pedagógica que proponho para a escola onde trabalho tem a intenção de combater as práticas discriminatórias em seu interior e, provavelmente, se desdobrar em outras estratégias criadas, adaptadas por docentes de várias áreas ou em suas práticas educativas.

Podemos observar que as imagens produzidas pelas/os discentes no momento I reforçam estereótipos reproduzidos pela sociedade brasileira. Pretto (2008, p, 21) acredita que “Arte é integração”; logo, a arte construída por ele se constitui de maneira integradora, desconstruindo os estereótipos existentes sobre as questões étnico-raciais, traçando novos caminhos, novos olhares, criando debates significativos para se tornarem conscientes de seus atos em relação à população negra no Brasil.

Sob essa perspectiva, o ensino de arte mediado pela cultura afro-brasileira poderá criar condições de entendimento para que discentes afrodescendentes se identifiquem com seus próprios recortes étnico-raciais, reconhecendo-se por meio das metáforas presentes nas obras das/os artistas estudadas/os na pesquisa.

3.2 MOMENTO II – Narrativas de protestos nos autorretratos de Renata Felinto

Figura 9 – Artista Renata Felinto.



Fonte: Renata... (s.d.)

Após as ações do momento I, fiz algumas reflexões acerca das experiências das atividades anteriores e, com base nisso, procurei mudar a abordagem para o momento seguinte, tomando como base as considerações de Anastasiou (2003, p. 69): “O professor deverá ser um verdadeiro estrategista, o que justifica a adoção do termo estratégia, no sentido de estudar, selecionar, organizar e propor as melhores ferramentas facilitadoras para os estudantes se apropriarem do conhecimento”.

Nesse sentido, a estratégia do momento II foi adaptada para que as/os discentes pudessem responder à pergunta problematizadora antes de assistir o vídeo com a entrevista da artista Renata Aparecida Felinto dos Santos, artista visual, pesquisadora, educadora, escritora, performer e ilustradora. Suas obras se fundamentaram na questão da identidade negra feminina e, por meio de diferentes linguagens, questionam construções estéticas e culturais. A artista também se

destaca pelo exercício da Arte-educação em universidades e instituições de cultura. Natural da Capital de São Paulo, Renata mora atualmente em Crato, no estado do Ceará.

A série de autorretratos de Renata Felinto, chamados afro retratos, se trata de uma arte contemporânea que se preocupou em autoconhecer a presença das mulheres negras em vários povos e culturas, definindo as bases da chamada arte afro, ou seja, a persistência ou sobrevivência de artistas negras/negros na pintura com características de origens africanas. Compreender a arte afro brasileira torna-se uma tarefa difícil, por envolver símbolos africanos, histórias africanas, tradições da cultura africana e questões étnico-raciais vividas por pessoas negras no Brasil. Segundo Munanga (2000, p. 98-99):

Definir as artes plásticas afro-brasileiras não é uma questão meramente semântica, pois envolve uma complexidade de outras questões remetendo ora à história do escravizado africano no Brasil, ora à sua condição social, política e econômica, ora à sua cosmovisão e religião na nova terra. [...] se a arte afro-brasileira é apenas um capítulo da arte brasileira, por que então este qualificativo 'afro' a ela atribuído? Descobrir a africanidade presente ou escondida nessa arte constitui uma das condições primordiais de sua definição.

Apresentar a arte afro-brasileira para as/os discentes envolvidas/os na proposta artístico-pedagógica significa compreender as várias técnicas utilizadas pelas/os artistas em suas obras. Felinto, para construir os afros-retratos, utiliza sua própria imagem, e neles funde técnicas de desenhos, pinturas e colagens. Ao usar em seus afro retratos técnicas mistas, a artista rompe com o imaginário, propondo em sua produção artística uma criação desenvolvida a partir da identidade de afrodescendentes, na sua imaginação e criatividade, como forma de expressão e busca de entendimento do mundo, de si mesmo e do outro (FILHO, 2013). A/O docente que ensina arte poderá conduzir a/o discente, incentivando e orientando a experimentação de várias técnicas utilizadas nas produções artísticas e, principalmente, incentivando a exploração de sua criatividade durante a realização das atividades de desenho. Segundo Teresa Poester (2005, p. 6):

O desenho constitui a base das artes plásticas, mas sua função social ultrapassa amplamente o campo artístico. Parte integrante no processo de conhecimento, o desenho contribui na aquisição do

saber, como suporte de diferentes especialidades: matemática, física, geografia etc.

Portanto, os desenhos produzidos pelas/os discentes nas oficinas possuem caráter social antirracista. Ressalto que o desenho e a gravura sempre foram aliados na construção de imagem, um completa o outro, não propondo qual é o melhor e sim completando o processo final da imagem.

Dito isso, solicitei às/aos discentes que fizessem duplas e, em seguida, escolhessem uma das pranchas que tinha uma pergunta problematizadora, com imagens de afrorretratos da artista Renata Felinto.

A primeira dupla escolheu a prancha referente à obra *A espanhola* (Figura 10), a qual era acompanhada das seguintes perguntas:

Nessa imagem, a artista faz uma representação sua vestida com trajes típicos das mulheres espanholas. Que reflexões a artista quer provocar quando ela se coloca vestida com esse traje?

Figura 10 – Prancha 1 da artista Renata Felinto.



Fonte: FELINTO, Renata. *A espanhola*. 2010. Técnica: acrílica, glitter sobre papel. Série Afrorretratos.

A dupla respondeu o seguinte: “A artista queria representar a beleza das mulheres espanholas”; “Tinha uma maquiagem artística, como se a mulher estivesse representando o fundo do mar”.

A segunda dupla escolheu a prancha coma obra *A Alemã* (Figura 11), para a qual constava a pergunta:

Nessa imagem, a artista faz referência a cultura alemã. Como você acha que uma pessoa branca, loira e de olhos azuis seria tratada em um país africano?

Figura 11 – Prancha 02 da artista Renata Felinto.



Fonte: FELINTO, Renata. *A Alemã*. 2010. Técnica: acrílica, colagem, glitter sobre papel. Série Afro-retratos.

A resposta da dupla foi “Eles iriam tratar ela com preconceito e eles a achariam estranha”.

Depois dessas respostas, convidei a assistirem a um vídeo em que a artista é entrevistada e explica o porquê da série Afroretratos. Quando terminou o vídeo com a entrevista, refiz as mesmas perguntas acrescentando se eles/as mudariam suas respostas, e todos disseram que mudariam. Então, pedi para responderem novamente, e a primeira dupla disse o seguinte: “A artista queria representar as mulheres afrodescendentes de todas as partes do mundo”. Por sua vez, a segunda

dupla respondeu: “Os negros iriam achar ela diferente, mas que depois de conhecer ela melhor, iriam tratar ela bem”.

Pensar nas respostas das/dos discentes é deslocar-se para compreender a relação entre o ensino de arte e a cultura, numa possível formação de identidade. Não pensando somente na cultura escrita em livros didáticos, reproduzidos muitas vezes pelas/os docentes no ensino de arte, é preciso buscar conhecer as culturas regionais e locais para que o ensino possa tornar-se significativo, valorizando e trazendo a cultura além do espaço escolar para a sala de aula, enxergando as atividades religiosas locais, na vizinhança, na família, nos grupos culturais, entre outros, como processos na construção de identidade das/dos discentes. De acordo com Gomes (2003, p. 4):

Privilegiar a educação que acontece no interior da instituição escolar, tentando, porém, compreendê-la inserida no processo cultural e articulada com outros espaços educativos não escolares. A escola é vista, aqui, como uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade.

A partir dessas considerações, é possível compreender a estreita relação entre o ensino de arte e a cultura, permitindo aproximações e interações com as/os discentes na escola.

Para finalizar o momento II da proposta, convidei as/os discentes a realizarem um desenho a partir de suas reflexões, conversas e escutas das falas da artista (Figura 12).

Figura 12 – Processo criativo individual II.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

Nos desenhos construídos, podemos observar as presenças fenotípicas e identidades das mulheres negras, representadas pelos lábios grossos, os cabelos afros e os brincos de argolas. O desenho da casa não foi finalizado, porém o discente Mauro relatou que era para mostrar a diferença das moradias de pessoas negras e brancas. O desenho passou por transformações durante os procedimentos de elaboração, bem como na execução da gravura.

Penso que as transformações ocorridas no desenho ajudam no desenvolvimento da imaginação e da criatividade das/dos discentes. Para Filho (2013, p. 34), “A arte permite o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, da sensibilidade e da imaginação, na medida em que explora e dissemina novos valores, percebe e ressalta as diferenças culturais”. Sendo professor/artista/pesquisador, entendo que é de suma importância possibilitar às/aos discentes o conhecimento de diferentes culturas, para que possam compreender e respeitar suas próprias culturas e também as culturas de outros povos e sociedades. Só em posse desses conhecimentos, podemos diminuir preconceitos e discriminações na escola.

Portanto, compreender essas diferenças potencializa o processo criativo na formação da identidade das/dos discentes e nos leva por caminhos ainda não conhecidos dos signos, símbolos e representações das culturas africanas. No

próximo momento, podemos ver exemplos de arte no universo das religiões de matrizes africanas.

3.3 MOMENTO III – O universo singular e expressivo de Rubem Valentim

Figura 13 – Artista Rubem Valentim.



Fonte: Enciclopedia... (2023).

Artista modernista, Rubem Valentim, natural de Salvador-BA, formou-se em Jornalismo na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi escultor, pintor, gravador, professor de história da arte no Instituto de Belas Artes no Rio de Janeiro e lecionou pintura na Universidade de Brasília (UNB).

As composições geométricas de Rubem Valentim exploram a variedade da cultura nacional e dão forma a símbolos e emblemas afro-brasileiros. O artista buscou no universo singular da cultura afro-brasileira, no Candomblé e na Umbanda, uma linguagem própria muito expressiva para mostrar a arte afro ao mundo, trazendo ao público os símbolos e emblemas dos orixás e suas armas para o universo da arte moderna no Brasil.

Quando observamos a arte de Valentim, podemos compreender a harmonia das cores e as formas geométricas místicas presentes na arte afro-brasileira: “Não se trata da observação simples ambígua e conciliatória de formas geométricas euclidianas. Valentim reelabora suas referências ao fundir a geometria mística das religiões afro-brasileiras à racionalidade construtiva” (CONDURU, 2007, p. 70).

Pensando na reelaboração das formas geométricas do artista, começamos esse momento com um vídeo, mostrando o acervo de Rubem Valentim no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM), que dedica uma sala especial às obras do artista, onde são narradas suas ideias na construção das pinturas e esculturas. O vídeo mostra um conjunto de imagens e como o artista fazia a combinação das cores e suas simbologias, num repertório informal da arte daquele período. Uma arte que se apropriava de ícones, dogmas e símbolos africanos desconhecidos por boa parte da sociedade brasileira, chamando a atenção da sociedade para um olhar diferenciado em relação às religiões de matriz africana. Importa ressaltar que Valentim desmistificou em suas pinturas e esculturas os símbolos afro-religiosos encontrados dentro dos terreiros, além de ter sido um dos mais promissores artistas da arte afro-brasileira no Brasil. Segundo Carneiro da Cunha (1983, p. 995),

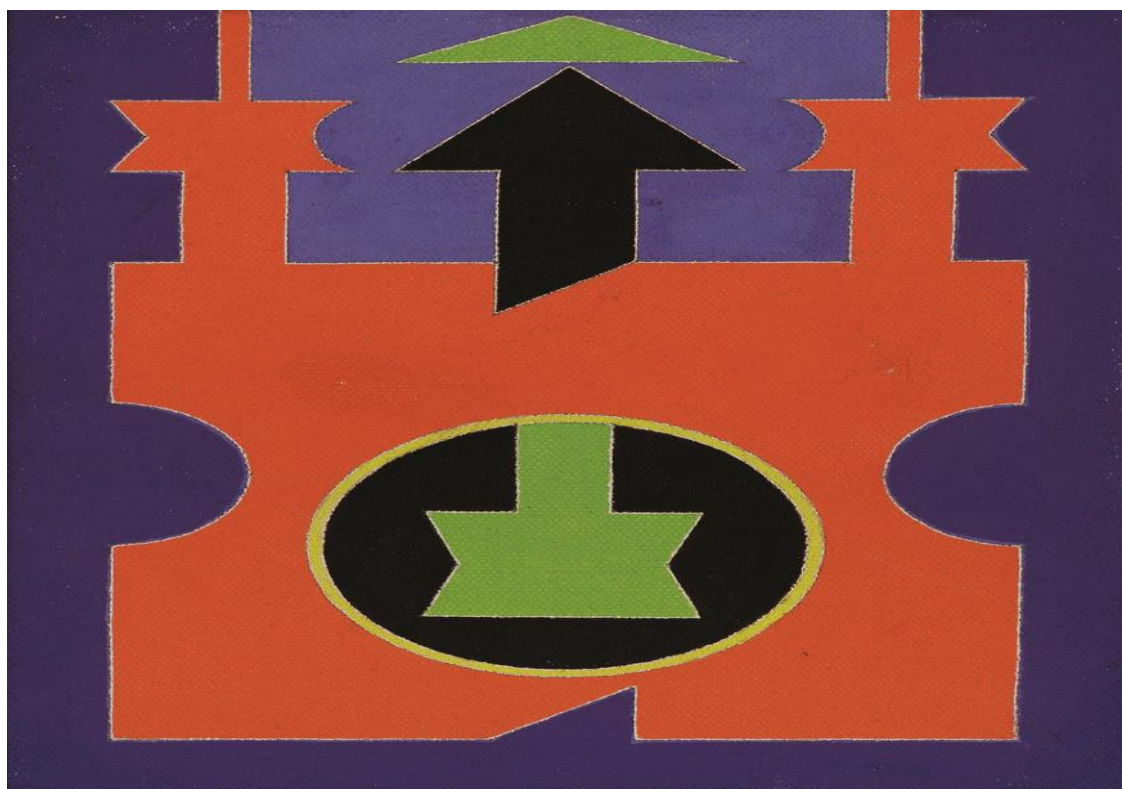
Convém frisar desde já que o que se afirmou da arte africana é igualmente válido para a arte afro-brasileira, isto é, tratar-se de uma arte conceitual, icônica: para a sua justa apreciação impõe-se conhecer-lhe o universo simbólico subjacente, as representações coletivas orientadoras de seu processo criador. Esta arte nos é fornecida de maneira mais direta na parafernália das divindades afro-brasileiras no culto dos orixás, logo em arte considerada “popular”.

Após as/os discentes assistirem o vídeo, solicitei que fizessem duplas e escolhessem uma das pranchas disponibilizadas com obras do artista e que, em grupo, respondessem à pergunta problematizadora da prancha.

Descrevo os relatos das duplas em relação às pranchas e perguntas. A primeira dupla escolheu a obra *Emblema O* (Figura 14), para o qual constava a seguinte pergunta:

Por que o artista chamou esta obra de “Emblema O”? Que nome vocês dariam para essa imagem? Justifiquem.

Figura 14 – Prancha 1 do artista Rubem Valentim.



Fonte: VALENTIM, Rubem. *Emblema O*. 1988. Técnica: óleo sobre tela.

A dupla respondeu o seguinte: “A imagem parece uma peça de lego (blocos de montar, brinquedos) com uma seta em seu meio, que está direcionando o seu destino”. Já na segunda, responderam: “Para onde? Porque sua imagem é incerta e nela há uma seta”.

A segunda dupla escolheu a obra *Sem título* (Figura 15), a qual acompanhava as seguintes perguntas:

Observe atentamente a obra do artista para responder. Que sensações visuais essa obra, especificamente as cores, trazem para vocês? Se vocês pudessem mudar as cores e as figuras dessa obra, quais cores e figuras vocês escolheriam?

Figura 15 – Prancha 2 do artista Rubem Valentim.



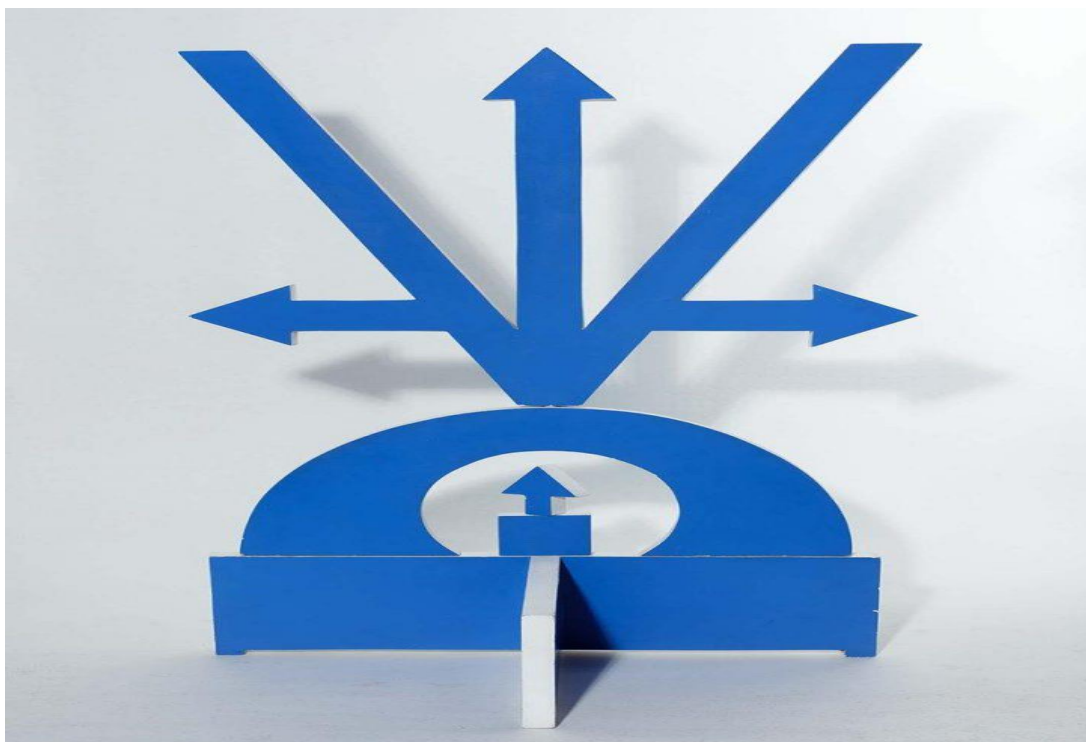
Fonte: VALENTIM, Rubem. Sem título. 1966. Técnica: óleo sobre tela.

As respostas das/dos discentes foram as seguintes: “A obra de arte parece uma madeira de árvore, perfeita e uma parte completa a outra, como se fosse um reflexo da imagem, o reverso da outra. Nós coloriríamos de laranja e amarelo, porque lembra o sol e acreditamos que combinaria”.

A última dupla escolheu a obra *Objeto emblemático* (Figura 16), com as perguntas:

Que outras imagens essa obra lembra a vocês? Como essa imagem poderia ser representada por vocês? Explique.

Figura 16 – Prancha 3 do artista Rubem Valentim



Fonte: VALENTIM, Rubem. *Objeto Emblemático*. 1973. Técnica: acrílico sobre madeira.

As respostas das/dos discentes foram: “A imagem lembra uma balança, equilíbrio, direção. No centro da imagem parece ser uma lamparina, que pode ser a luz que guiará em uma direção. Poderíamos representar colocando a lamparina em cima da seta central, no centro colocaríamos uma pessoa e tiraríamos as setas laterais”.

As respostas foram curtas e sucintas, porém nos levam a refletir sobre as ações cotidianas e os contextos vivenciados pelas/os discentes. Algumas/uns não conhecem e/ou não frequentam nenhum tipo de religião; sendo assim, não conhecem seus símbolos e seus significados. Somente uma discente conhecia os símbolos nas pinturas de Valentim mostradas no vídeo e nas pranchas. Ela contou que desde criança participa com sua mãe de um centro de Candomblé e que cada orixá tem seus símbolos.

Acredito que, a partir do relato da discente, podemos refletir sobre a importância de falar na sala de aula das religiões de matrizes africanas. Quando a discente expôs que frequenta o Candomblé ao grupo, é porque sentiu confiança nas/os colegas e no professor. A sala de aula precisa ser um ambiente de segurança entre discentes e docentes e precisamos elaborar atividades educativas

nesse ambiente, que propiciem conhecer as religiões diversas de matrizes. Quanto às religiões de matriz africana, penso que conhecendo e compreendendo suas bases, seus símbolos e artistas, teremos a capacidade de combater a discriminação religiosa no Brasil.

Feita a reflexão e discussão das obras do artista, foi pedido para as/os discentes pensarem em alguns símbolos que representassem ideias ou pensamentos em suas vidas e transformassem esses símbolos em desenhos. O desenho pode ser modificado e adaptado em diferentes contextos nos quais estamos inseridos. De acordo com Poester (2005, p. 10), “Tracejamos um trabalho, rabiscamos para refletir melhor sobre um problema”. Todas/os as/os discentes rabiscam na sala de aula, principalmente nas mesas e paredes. Cabe ao arte-educador estimular a desenhar sem medo do erro. O erro e a imperfeição do desenho podem ser corrigidos, mas temos que lembrá-las/los de que é a imperfeição de seu traçado o que talvez torne o seu desenho um diferencial para a arte. Dito isso, as/os discentes começaram a produzir seus desenhos (Figura 17).

Figura 17 – Processo criativo individual III.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

Cada discente buscou criar seus símbolos, que poderiam ter relação com a religião que professassem ou não. O desenho do colar (Figura 17) é uma guia usada pelos participantes do Candomblé, relatou a discente Natieli. Os outros desenhos

foram construídos a partir das referências das pinturas de Valentim, e as/os discentes contaram que foram produzindo sem pensar em algo, deixaram a imaginação fluir surgindo os traços conduzidos pela mão e o lápis. Apesar de terem dito que só deixaram a imaginação conduzi-las/los, se formos analisar os desenhos, vamos encontrar símbolos presentes nas religiões de matrizes africanas.

O artista Rubem Valentim trouxe o universo singular religioso das matrizes africanas para seu fazer artístico. Para Vieira (2019, p. 11), “As percepções emanadas do trabalho de Valentim abrem portas para a entrada em um mundo imaterial e subjetivo, ao mesmo tempo em que realoca nosso pensamento no campo da arte contemporânea”. As percepções do mundo imaterial presente nas obras de Valentim irão reconduzir os pensamentos de outras/os artistas que se posicionam, questionando, por meio das suas obras, as condições políticas e sociais de pessoas negras na sociedade contemporânea. Podemos observar essas questões nas obras da artista Rosana Paulino, momento de trabalho com a turma que será descrito na seção seguinte.

3.4 MOMENTO IV – Memórias e inquietações nas obras de Rosana Paulino: dialogando com outro

Figura 18 – Artista Rosana Paulino.



Fonte: Enciclopedia... (2023).

O momento IV era o último de produções artísticas individuais das/dos discentes e também a hora de conhecerem a artista Rosana Paulino, natural de São Paulo-SP, formada em Artes Plásticas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Artista visual, pesquisadora, educadora, Rosana destaca-se por fazer da imagem impressa um meio estruturador de seu pensamento visual, desdobrando-a em diferentes linguagens. Desde os anos 1990, investiga questões que eram pouco discutidas no cenário artístico brasileiro, como gênero, identidade e representação negra.

A estratégia desse momento foi assistirem uma entrevista da artista, concedida ao programa *Artérias* do Sesc TV, na qual apresenta suas ideias nas produções artísticas, pensadas sobre as condições das mulheres negras na sociedade brasileira, muitas vezes calcadas no racismo. Rosana Paulino traz inserções questionadoras em suas produções artísticas levando as/os observadoras/es dessas produções a refletirem sobre as condições de pessoas negras escravizadas no passado e também como pessoas negras são vistas e tratadas pela sociedade atualmente. De acordo com dissertação de Novais (2019, p. 121):

Paulino critica a falta de espaço e pouca produção sobre as minorias nas temáticas da Arte Contemporânea. Buscando se fazer representar, apresenta em sua obra um caráter político, trazendo os aspectos da negritude para o campo da arte, pois passou por experiências de exclusão de representação racial ao longo da sua vida, tais como ausência da presença negra em livros escolares, na televisão, no modelo familiar etc.

As produções artísticas de Rosana Paulino ganharam repercussão nacional, mostrando a invisibilidade das/os negras/os no meio social. Paulino apresenta em suas obras elementos que destacam o racismo, a exclusão das/os negras/os na política e no meio social, além de questões sociais e de gênero. No vídeo apresentado às/aos discentes, a própria artista explica suas ideias para a realização das obras.

Após o vídeo, foram apresentadas as pranchas com obras da artista, com a pergunta problematizadora. Em duplas as/os discentes escolheram as pranchas para responderem à pergunta (Figura 19). Os discentes Pablo e Matheus escolheram a prancha da obra com o título *Parede da Memória*, com a pergunta:

Observe a obra *Parede da Memória* e depois responda: Como vocês poderiam realizar uma ação artística com o mesmo nome que provocasse reflexões sobre as condições das pessoas negras na escola?

Figura 19 – Prancha 1 da artista Rosana Paulino.



Fonte: PAULINO, Rosana. *Parede da Memória*. 1994-2015. Técnica: Tecido microfibr, Xerox, linha de algodão e aquarela.

A dupla respondeu o seguinte: “Poderíamos chamar as pessoas negras da escola para serem fotografadas, pedindo para elas contarem suas histórias de vidas. E com suas autorizações, imprimindo suas imagens e colocando suas histórias abaixo e fazendo uma obra na parede da escola com essas imagens e histórias”.

Outra dupla escolheu a obra *Atlântico Vermelho* (Figura 20), com as perguntas:

A que imagem visual o título dessa obra remete a vocês? Como vocês subverteriam essa imagem? Expliquem.

Figura 20 – Prancha 2 da artista Rosana Paulino.



Fonte: PAULINO, Rosana. *Atlântico Vermelho*. 2017. Técnica: Impressão digital sobre tecido, recorte e costura.

Kauê e Andreilla responderam: “Remete à colonização e à escravidão, foram muito violentas e sangrentas, muitos negros suicidaram se jogando ao mar quando viam nos barcos. Por isso, a obra se chama *Atlântico Vermelho*. Nós criaríamos uma obra de navio bem colorido mostrando os negros escravizados festejando a volta para a África”.

A próxima dupla escolheu a prancha com a obra *Bastidores* (Figura 21), com a pergunta:

Que reflexões a artista quer provocar ao observador e à sociedade nessa obra?

Figura 21 – Prancha 3 da artista Rosana Paulino.



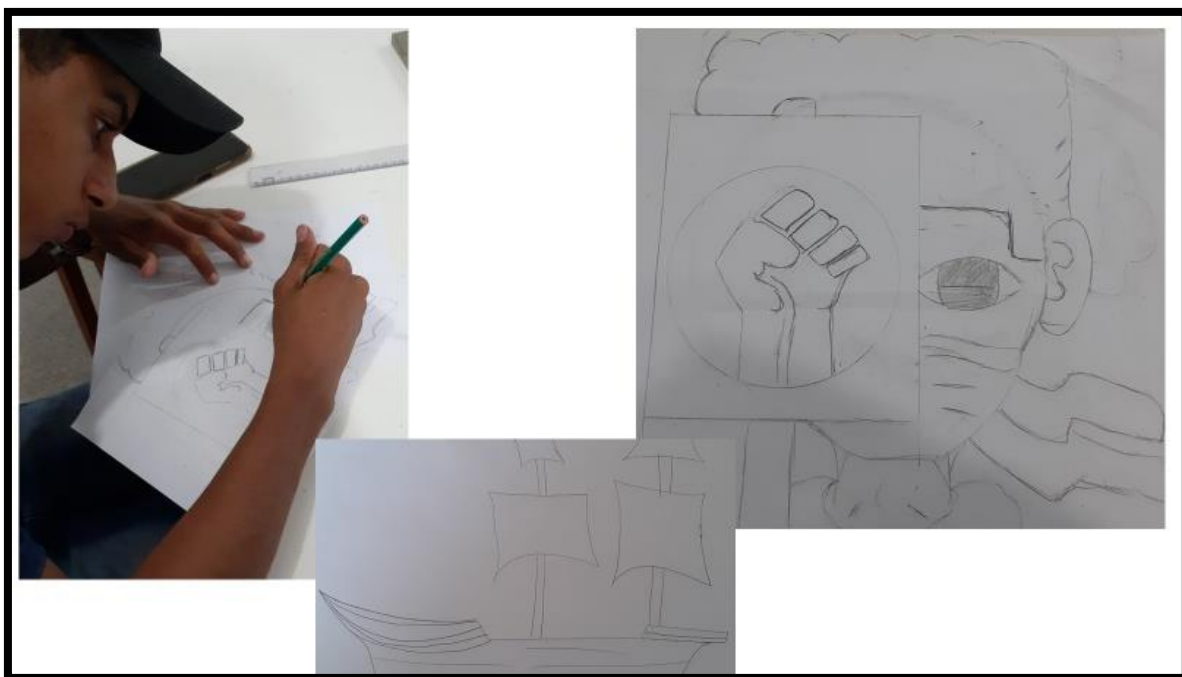
Fonte: PAULINO, Rosana. *Bastidores*. 2016. Técnica: impressão sobre tecido e costura.

Os discentes Valdemir e João Vitor responderam: “a obra mostra a opressão que os negros sofreram e sofrem constantemente, que eles merecem ser tratados com respeito, independente da sua cor. E que os negros possam expressar suas ideias livremente”.

A reflexão trazida pelos discentes é um avanço, quando reconhecem que pessoas negras sofreram e foram oprimidas, apesar da condição da mulher negra que a artista propõe não ter sido enfatizada. Ainda assim, foi possível enxergar na imagem a condição da mulher negra, por exemplo, no ambiente de trabalho; precisamos entender que são diferentes entre mulheres e brancas e que essas condições são impostas por uma sociedade preconceituosa e racista. Veja-se, por exemplo, as condições da mulher negra na escola, que, em sua maioria, ocupa lugar na limpeza, de merendeira; poucas são professoras, coordenadoras, diretoras. Faz-se necessário abordar na escola as condições impostas às mulheres negras no Brasil.

Após responderem as perguntas problematizadoras das pranchas, solicitei que desenhassem a partir das suas respostas e das imagens da artista (Figura 22).

Figura 22 – Processo criativo individual IV.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

Poucas/os discentes conseguiram terminar os desenhos durante esse momento, e algumas/uns pediram para terminar em casa. O desenho do barco (Figura 22) também não foi finalizado, mas a dupla disse que iria entregar sem terminar porque estava “difícil desenhar as pessoas festejando a libertação”.

Já o segundo desenho foi uma sugestão feita por mim ao discente João Vitor. De acordo com Danilov (1978), a importância da tarefa da/o docente reside em provocar nas/os discentes a aspiração de buscar independente de soluções a partir de análise das condições e dos conhecimentos disponíveis. O arte-educador exerce a função de conduzir a/o discente a adquirir o conhecimento, conduzindo-a/o pausadamente para tarefas mais complexas da criação, preparando-a/o para executar trabalhos independentes e criativos. Somente agora, percebo que a proposta artístico-pedagógica possibilitou a materialização do conhecimento e pensamento das/dos discentes envolvidas/os em criações inovadoras.

Esse mesmo discente relatou que estava sem inspiração para desenhar: “Professor, estou sem inspiração”. Na tentativa de estimular a criação do discente, perguntei: “O que você assiste em casa nas horas livres?”. Ele disse que gostava muito de assistir animes. Então o indaguei novamente se existiam personagens negras nos animes. Ele respondeu que uma vez tinha assistido um episódio em que aparecia uma. Foi então que lhe sugeri desenhar uma personagem de anime negra,

retratando a luta contra o racismo e a discriminação. O discente aprovou a ideia e começou a desenhar. Depois que terminou o desenho, disse que foi o melhor que ele já tinha realizado.

Desse modo, o professor tem o importante papel de instigar as/os discentes a se reconhecerem valorizando seus saberes e a sua realidade, dominando esse conhecimento, potencializando suas práticas educativas e as produções artísticas na escola, desenvolvendo ações concretas que possam ajudá-las/los a transformar a sua realidade. A proposta artístico-pedagógica aspira que as produções artísticas das/os discentes, nas oficinas de xilogravura, contribuam para a transformação social e política, dentro e fora da escola.

3.5 MOMENTO V – Relatos e escutas: apreendendo a gravar

Iniciei o momento V com uma apresentação de *slides* sobre tipos de gravuras, dando foco a xilogravura. A xilogravura é bem antiga nos países asiáticos tais como China e Japão (divergências quanto à data – séc. II, séc. IX), e era utilizada para imprimir letras. A partir do século IX, imprimem-se imagens sagradas budistas, chegando a produzir obras primorosas no século XV. Segundo Costella (2003), existia em países europeus a confecção de cartas de baralho feitas artesanalmente com a técnica xilográfica que datam do ano de 1279 na Itália e na Bélgica. A xilogravura chegou ao Brasil com a tipografia, no início de século XIX. Em 1808, a Corte portuguesa se estabeleceu no Rio de Janeiro, trazendo na bagagem a maquinaria para a Impressão Régia e logo se espalhou atingindo o Nordeste.

A xilogravura e o cordel estão inseridos na cultura visual do Nordeste e engrandecem a memória cultural do sertão. Trata-se de uma arte popular e pode contribuir de maneira significativa para o conhecimento das/dos discentes sobre as produções artísticas culturais de negras/negros, muitas vezes deixadas de lado no ensino de arte (GABRIEL, 2012).

Esse momento foi destinado a transpor os desenhos do papel – feitos pelas/os discentes – e gravar na matriz (madeira). Cada discente escolheu um desenho criado por ela/e nos momentos anteriores para começarem a gravar na madeira. Iniciamos lixando a madeira com lixa d'água; feito isso, passamos o nanquim dissolvido na água, umedecemos um pedaço de algodão e passamos na madeira para facilitar a passagem do desenho para a matriz e esperamos secar.

Quando secou a tinta de nanquim na madeira, pegamos o papel carbono e passamos os desenhos para a matriz para serem gravadas. Com o auxílio de algumas ferramentas de gravura, tais como as goivas, iniciamos a gravação (Figura 23).

Figura 23 – Preparação da matriz e processo de gravar.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

Durante o processo de gravar na madeira, as/os discentes conversavam vários assuntos enquanto iam gravando e observavam os trabalhos uns dos outros. Um dos assuntos que surgiu nesse momento foi sobre a religião de matriz africana Candomblé. O diálogo iniciou-se entre as discentes Andreilla e Natieli.

Andreilla perguntou para Natieli: “Por que você está fazendo um colar?”. Natieli respondeu: “Não é um colar, é uma guia, que usamos na minha religião”. “Hum”, Andreilla murmurou e perguntou novamente: “A sua religião é aquela que toca tambor?”. Natieli respondeu: “Sim, lá tudo funciona quando toca os tambores”.

Assim como os sinos são tocados na igreja católica, servindo de função para chamar os fiéis para a liturgia (missa), os tambores do Candomblé, quando tocados, servem para chamar suas/seus participantes para o início do culto aos ancestrais.

A partir desse pequeno diálogo, surgiram outros assuntos, e citarei os mais relevantes. Boa parte da conversa sobre o Candomblé foi narrada pela discente Natiele, que participa da religião junto com sua mãe “desde quando era bem

pequena”. Natieli explicou que “Lá no terreiro, o pai de santo confecciona os sabonetes para os banhos. O sabonete verde, feito com ervas, é para abrir os caminhos e cada sabonete tem a sua cor e função”.

Entre uma conversa e outra, ela comentou sobre as comidas do terreiro: “Existem comidas que são para as pessoas comerem e outras não”. Natieli narrou outra história, enquanto fazia a gravação da guia na matriz: outro dia, sua mãe convidou uma amiga para participar da festa dos marinheiros que teria no barracão e que essa amiga já tinha feitos vários exames para engravidar e que ela tinha problema no útero. Sua mãe foi com a amiga na festa e, chegando lá, o marinheiro conversou com ela; semanas depois a mulher engravidou. Sua mãe fez até um chá de bebê para essa mulher na sua casa.

Depois, Natieli explicou “que cada entidade tem a sua própria comida e bebida, que eles pedem algo diferente toda vez para o pai de santo”, e que “é obrigação dos irmãos de santos fazerem as comidas e arrumarem essas bebidas, eles (irmão de santos) são responsáveis por organizarem tudo no barracão”. Quando tem gira (culto), as entidades descem para conversar com as pessoas que ali estão, e as pessoas convidadas não entram na gira, somente os membros da religião podem participar.

Ela também falou da entidade com nome de Maria Figueira, uma Pomba Gira que está sempre nas festas. Quando sua mãe vai sozinha para o barracão de Candomblé, sem levá-la e a sua irmã, a entidade de dona Maria Figueira pergunta: “Cadê as moças?”. A discente continuou: “A dona Maria Figueira gosta muito de mim e da minha irmã”.

A discente seguiu falando das entidades: “Lá no barracão, tem várias entidades: Oxóssi, que tem suas flechas e armas, Maria Mulambo, Maria Navalha, Ogum entre outros, e todo final de semana tem uma gira para cada entidade diferente”.

Perguntei a Natieli porque todos os membros do Candomblé usam roupas brancas. Ela explicou que “as roupas escuras não deixam a paz entrar no corpo”. Ela contou ao grupo que quando a sua mãe percebe que ela (Natieli) está muito estressada e carregada, a leva ao Candomblé. Quando chega lá, é recebida pela mãe Márcia: “Ela é de lemanjá, fofqueira igual eu, professor”.

O discente Kaue perguntou para Natieli se ela queria entrar para o Candomblé. Ela respondeu: “Sim, só tenho medo de raspar meu cabelo”, pois “a

cada quatro anos que você frequenta o Candomblé, tem que raspar a cabeça e durante quatro meses você não pode gritar, estressar, não pode fazer nada, não pode comer carne vermelha”. Ela explicou que também “tem o batismo nas águas do rio”.

Após essa conversa sobre o batismo nas águas, outros/as discentes interagiram falando do batismo na sua religião e que também foram batizados nas águas. A discente Andreilla relatou que na igreja Célula se usa um óleo para batizar. O discente Kaue relatou que nunca foi batizado.

Já a discente Andreilla contou que uma vez estava na igreja com sua avó e pegou o pão. Sua avó ficou brava e chamou sua atenção, porque ela não poderia ter pegado, pois o pão era só para os adultos.

Kaue perguntou para Andreilla: “Por que as crianças não poderiam comer pão?”. Então as discentes responderam: “O pão significa o corpo de Cristo e o vinho significa o sangue”.

Alguns discentes relataram que não têm muita paciência com as falas dos pastores e padres, pois demoram muito em suas falas, além de ter que levantar cedo no domingo para ir à igreja.

Creio que as conversas durante o ato de gravar enriqueceram a compreensão das/dos discentes sobre o complexo mundo religioso do Candomblé e das outras religiões, construindo, assim, laços afetivos artísticos e culturais com as religiões das quais participam. Por meio das gravuras produzidas, talvez possam reconhecer a importância da arte afro para a sociedade brasileira.

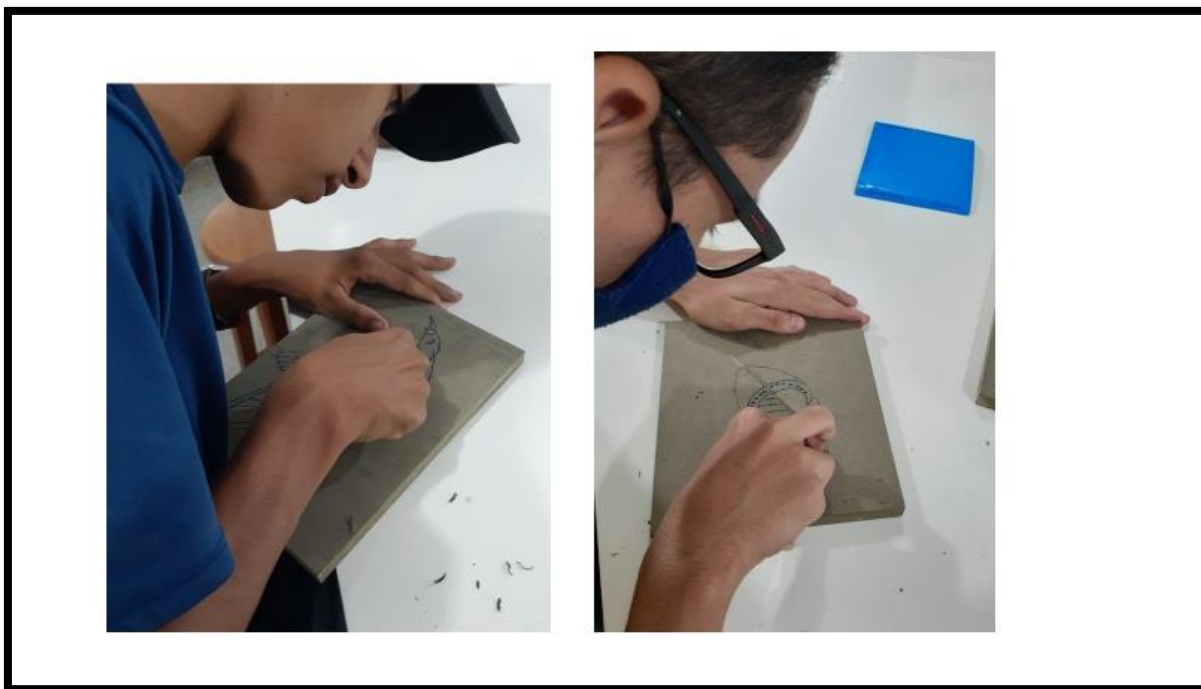
Finalizamos esse momento de diálogos e de gravação nas matrizes (madeiras) com reflexões e aprendizagens sobre o processo de gravar na madeira e sobre manifestações religiosas frequentadas pelas/os discentes participantes da proposta artístico-pedagógica.

3.6 MOMENTO VI – Entintar e impressões das gravuras

O momento VI foi destinado para entintar e impressão das gravuras. Porém, um dos discentes presentes havia faltado ao momento I, e outros não haviam terminado de gravar no momento anterior. Então, solicitei ao discente Kaue que

fizesse seu desenho enquanto os outros terminavam de gravar na madeira para começarmos a fazer as impressões (Figura 24).

Figura 24 – Discentes João Vitor e Pablo gravando na matriz.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

Como descrito, o discente Kaue tinha faltado o momento I, então apresentei o artista Galvão Pretto utilizando as pranchas com suas obras e as perguntas problematizadoras. Expliquei o processo de construção das obras do artista e as reflexões que ele queria provocar na/o espectador/a.

A partir da explicação, o discente começou a criar o desenho que representasse uma reflexão a partir das obras de Pretto. Ele desenhou um gato (Figura 26). Eu perguntei por quê; ele disse: “Professor, desenhei um gato preto porque as pessoas falam mal do gato preto, que ele traz azar, que ele é traiçoeiro, só coisas ruins dos gatos pretos”.

Percebo que a resposta dada pelo discente é uma maneira de entendermos como as práticas racistas e discriminatórias se fazem presentes no cotidiano e que reproduzimos em nossas conversas com amigas/os, família, colegas de trabalho, bem como com outras pessoas de nossa convivência; devemos contrapor as falácias racistas e discriminatórias que repetimos contra negras e negros diariamente. Outro exemplo de falácia no ambiente familiar é quando pai ou mãe diz

para sua/seu filha/o que sujou ou suou durante o jogo de futebol, que ela/e (criança) está fedendo igual um/a neguinha/o. Devemos tomar atitudes contradizendo comentários assim. Segundo Ribeiro (2019, p. 24),

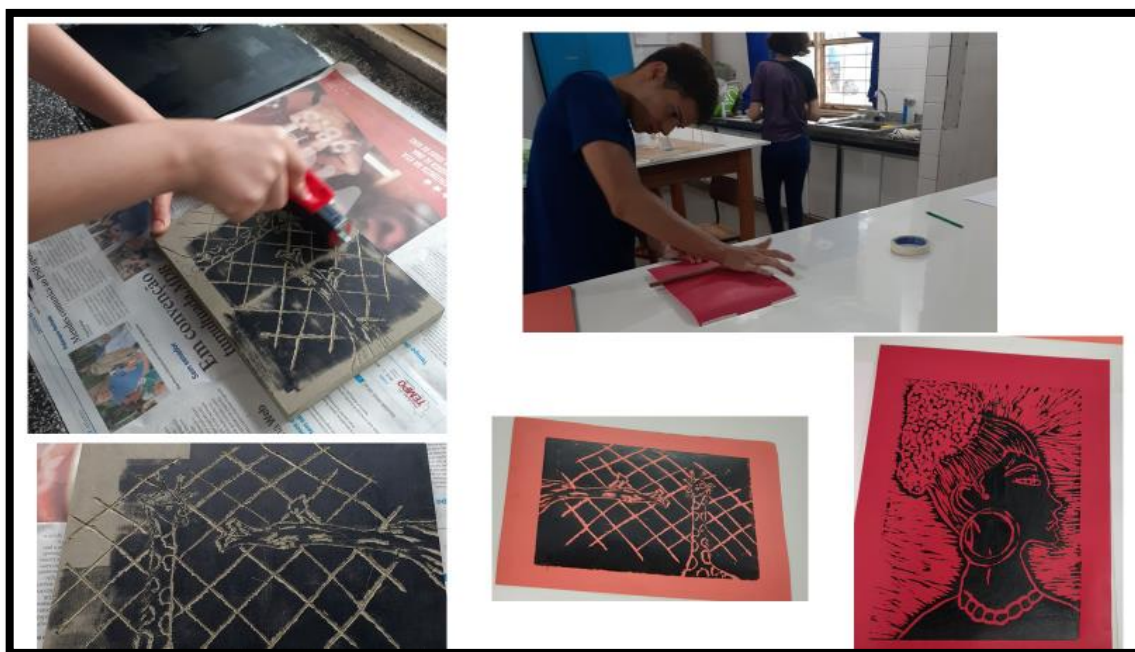
A maioria das pessoas admite haver racismo no Brasil, mas quase ninguém se assume como racista. Pelo contrário, o primeiro impulso de muita gente é recusar enfaticamente a hipótese de ter um comportamento racista: “Racista, eu, que nunca xinguei uma pessoa negra?”. A partir do momento em que se compreende o racismo como um sistema que estrutura a sociedade, essas respostas se mostram vazias. É impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre.

Concordo com Ribeiro, pois sempre ouço na escola as/os discentes dizendo: “Professor, eu não sou racista”, mas fazem brincadeiras entre si que reproduzem um comportamento racista. No mesmo instante, explico que essa atitude já é racista. Dessa forma, temos que combater o comportamento racista dentro de nós.

Quando todas/os terminaram de gravar seus desenhos, ensinei a fazerem o berço para a impressão das gravuras; em seguida, ensinei a preparar a tinta e como entintar a matriz. Assim, elas/es começaram a fazer a impressão das primeiras gravuras. De acordo com Villas-Boas (2010), o processo utilizado na xilogravura é convencional, ou seja, é realizado todo manualmente. Dessa forma, o processo de impressão das gravuras foi todo manual, pois utilizamos colher de pau.

Na escola onde aconteceu a proposta artístico-pedagógica não há máquina de impressão. Na xilogravura, a madeira funciona como matriz de impressão e nela foram entalhados os desenhos das/dos discentes. Ressalto que a realização do entalhe exigiu das/os discentes muitas habilidades manuais, assim como também muita criatividade para dar expressão aos desenhos. Devido a essa exigência, considero que essas/es discentes são artistas, pois precisaram criar e apreender a técnica do entalhe para finalizar a gravura (Figura 25).

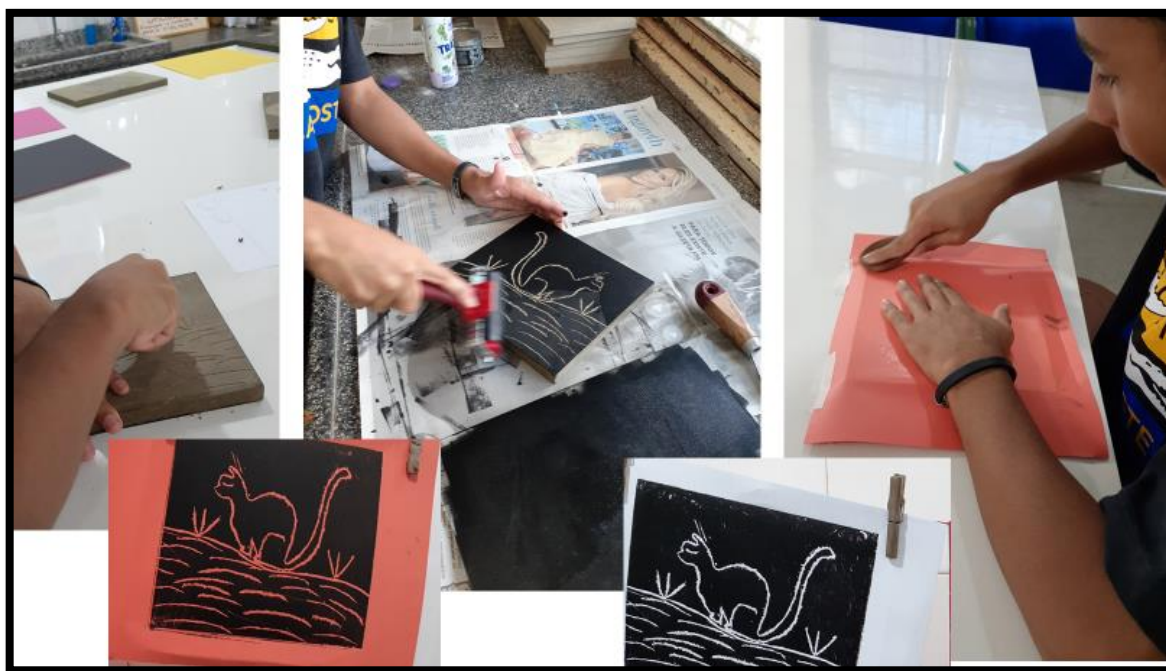
Figura 25 – Entintagem e impressões das gravuras.



. Fonte: Arquivos do autor (2022).

Durante o processo de impressão (Figura 25), o discente Kaue comentou que achou “muito bonito quando coloca a tinta na madeira” e perguntou: “Não poderia deixar a tinta só na madeira?”. Expliquei então que só entintar a matriz sem a impressão não seria gravura; precisamos fazer a impressão para obtê-la. Para realizar a impressão das gravuras como dito anteriormente, foi utilizada uma colher de pau. Por esse motivo as/os discentes reclamaram que seus braços estavam doendo e que não tinham força para mexer a colher de pau até as gravuras serem impressas. Mesmo assim, todas/os fizeram pelo menos três impressões, em papéis 4A *canson* brancos ou coloridos.

Figura 26 – Kaue entintando e fazendo impressão.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

Já estávamos encerrando o momento VI quando o discente Valdemir disse: “Oh professor, gostei mais de gravar na madeira do que fazer a impressão”.

Para o encerramento desse momento, expliquei ao grupo que precisávamos limpar e guardar todas as ferramentas, rolos, espátulas, entre outras coisas utilizadas para a impressão. Também era necessário ensinar ao grupo a numerar, colocar data, título e assinar suas tiragens de gravuras. Porém, como a tinta das gravuras estava úmida, era preciso esperar secar para realizar a assinatura. Portanto, combinei com as/os discentes que assinassem no momento de escolherem as gravuras para serem expostas e também na montagem do catálogo digital que vamos criar para que outras pessoas tenham acesso a essa proposta artística-pedagógica.

Figura 27 – Exposição das esculturas.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

Figura 28 – Exposição das gravuras.



Fonte: Arquivos do autor (2022).

Finalizo a escrita desta proposta artístico-pedagógica com a ideia de que há, ainda, muito a ser feito dentro da escola para superar o racismo e a discriminação. A proposta construída por mim foi uma possibilidade entre muitas de lidar com um tema tão discutido nos dias atuais e ao mesmo tempo necessário, pois é urgente mostrar o racismo presente em nossos comportamentos e atitudes. Ao propor discutir tal tema por meio do ensino de arte, reconheço o poder transformador da imagem, a qual pode desconstruir o pensamento discriminatório e racista em nós, se tornando uma voz potente na luta antirracista.

4 Considerações finais

Ao término desta investigação por meio da proposta artístico-pedagógica e das oficinas de xilogravura na escola, percebi que há muito a ser produzido em torno do ensino de arte partindo tema artistas negras/negros, racismo e discriminação. A minha intenção com essa proposta foi mostrar pequenas atitudes por meio do ensino de arte para superar as práticas racistas, discriminatórias dentro da escola e fora dela, fomentando a Lei nº 10.639/2003, tão fundamental para o desenvolvimento da educação que trate das questões étnico-raciais.

Pretendo continuar com a oficina de xilogravura discutindo o mesmo tema, porém trazendo outras/os artistas negras/negros regionais e locais, convidando outras/os discentes do segundo e terceiro ano do Ensino Médio a participarem das oficinas semanais. Algumas/uns discentes que participaram da pesquisa demonstraram interesse em continuar na oficina. Penso que elas/eles foram afetadas/os durante os momentos de conversas e nas produções das gravuras, o que, de certa forma, colaborou para a sua formação artística/política/social. As/os discentes que participaram da proposta pedagógica por meio de oficina de xilogravura, podem auxiliar as novas/os discentes que desejam participar da oficina, dando assim, autonomia e ajudando na construção de sua identidade e do outro.

Confesso que essa pesquisa em formato de proposta artístico-pedagógica, atrelada às oficinas de xilogravura, foi o caminho encontrado por mim para subsidiar a investigação em arte, e um sonho pessoal de ser mestre desde o curso de especialização em História e Cultura Afro-brasileira e Africana, e também de realizar uma oficina de xilogravura para as/os discentes na escola em que sou professor/artista/ pesquisador.

Relato que foi na disciplina Seminário de Ensino de Artes Visuais I e II, do mestrado, que descobri e aceitei a condição de professor/artista/pesquisador, pois, até então, me via apenas como professor de arte. O processo de estudo das disciplinas do mestrado, a apresentação de seminários, as escritas individuais, coletivas e principalmente, o desenvolvimento da pesquisa com as/os discentes, fizeram-me compreender que todo professor de arte pode ser artista e pesquisador. A pesquisa é apenas o ponto de partida para a/o docente aprimorar ainda mais o

seu conhecimento e, conseqüentemente, melhorar sua didática no ensino de arte, despertando assim o interesse das/os discentes ao conhecimento.

A proposta artístico-pedagógica, que está no formato de infográfico (Figura 3), a qual foi modificada e adaptada inúmeras vezes. Porém, quando utilizei o infográfico para montar o plano de ação da pesquisa, salvando-o, fiquei impossibilitado de fazer as modificações e adaptações necessárias para execução do mesmo. Sendo assim, elaborei outro plano em formato de tabela, na qual poderia fazer as alterações que achasse necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Dito isso, espero que a pesquisa possa contribuir para melhor entendimento das questões étnico-raciais e proporcionar representatividade das produções de artistas negras/negros no ensino de arte da educação básica.

Que essa proposta possa servir de base para novas pesquisas e novas propostas artístico-pedagógicas para outras/os profissionais da educação, dando continuidade à temática e abordando a importância de negras/negros para a cultura e arte brasileira, contribuindo para encontrar meios que possam manter vivos os elementos visuais da cultura afro-brasileira, permitindo que esses elementos consigam tornar-se visíveis, estabelecendo diálogos com as/os discentes desenvolvendo a sua criticidade e ampliando o seu conhecimento para superação das práticas discriminatórias existentes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. Alves L. *Processos de ensinagem na Universidade*: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: UNIVILLE, 2003.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte Educação Contemporânea*. Consonâncias Internacionais. (Org.). São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 15 set. 2022.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 15 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica*. 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

CONDURU, Roberto. *Arte Afro-Brasileira*. São Paulo: C/arte, 2007.

COSTELLA, Antônio. *Breve história ilustrada da xilogravura*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

CUNHA, Mariano Carneiro da. *Arte Afro-Brasileira*. In: ZANINI, W. *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles; Fundação Djalma Guimarães, 1983.

CULTURA se despede [...]. Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/midiamais/2023/cultura-de-ms-se-despede-do-artista-galvao-pretto-nesta-terca/>, Acesso em: 04 jun. 2023.

DANILOV, M. A. *El proceso de enseñanza en la escuela*. Ciudad de La Habana: Editorial de libros para la Educación, 1978.

ENCICLOPEDIA Itaú Cultural. FELINTO, Renata. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa637835/renata-felinto>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ENCICLOPEDIA Itaú Cultural. VALENTIM, Rubem. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8766/rubem-valentim>. Acesso em: 17 jan. 2023.

ENCICLOPEDIA Itaú Cultural. PAULINO, Rosana. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa216153/rosana-paulino>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FILHO, David Sad. *A formação do Arte-educador: diálogos e contrapontos entre arte e educação e suas ressonâncias no trabalho docente*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Socioeducativos e Práticas Escolares) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2013. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/DISSERTACAO%20DAVID.pdf>.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. A pedagogia da pesquisa-Ação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo-SP, v. 31, n. 03, p. 483-502, set./dez.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

GABRIEL, Ademir Lopes. *Xilogravura como expressão da Cultura Popular*. 2012. Licenciatura (TCC em Artes Visuais) – Universidade Aberta do Brasil (UAB)/Instituto de Artes (IdA)/Universidade de Brasília (UnB), Posse-GO, 2012. Disponível em: <https://www.bdm.unb.br/handle/10483/5690>. Acesso em: 05 jun. 2023.

GANDIN, Danilo. A posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. *Revista Currículo sem fronteiras*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 81-95, 2001. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss1articles/gandin.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2023.

GERALDO, Sheila Cabo. Sobre a representação negra na história da arte brasileira. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 39., 2020 [2019], Pelotas-RS. *Anais [...]*. Pelotas-RS: UFPEL/CBHA, 2020 [2019].

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Superando o Racismo na Escola*. 2ª ed. Brasília: MEC, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, v. 29, n.1, jan.-jun. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>. Acesso em: 06 jun. 2023.

GUIMARÃES, Leda Maria. *Trama I, Coleção Tramas e Urdumes*. Goiânia: FUNAPE, 2009.

LAROUSSE, Cultural. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Moderna, 2016.

MUNANGA, Kabengele. A criação artística negro-africana: uma arte na fronteira entre a contemplação e a utilidade prática. In: SOARES, Arlete (ed.). *África negra*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1988.

MUNANGA, Kabengele. *A criação artística negro-africana: uma arte situada na fronteira entre a contemplação e a utilidade prática*. África Negra. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador; Fundação Gregório de Mattos; Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 11 de maio a 26 de junho. p. 7-9, 1988b.

MUNANGA, Kabengele. Arte afro-brasileira: o que é, afinal? In: AGUILAR, N. (Org.) *Arte afro-brasileira: mostra do redescobrimento*. São Paulo: Fundação Bienal, 2000. p.98-9.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. 2.ed. Brasília: Mec, 2005.

NOVAIS, Karina. Barbosa. *Educação étnico-racial no ensino de artes visuais*. 2019. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9510>.

POESTER, Teresa. Sobre o desenho. *Revista Porto Arte*, Porto Alegre, 2005.

PRETTO, Ilacir Galvão Santos dos. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1689026/ilacir-galvao-dos-santos>. Acesso em: 10 out. 2022.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICHTER, Ivone Mendes. *Interculturalismo e estética do cotidiano no ensino das Artes Visuais*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Superando o Racismo na Escola*. 2.ed. Brasília: MEC, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf.

TEDESCO, João Carlos (org.). *Nas cercanias de memórias: temporalidade, experiências e narração*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2004.

VIEIRA, Cristiane A. Origem e deslocamentos: a trajetória de Rubem Valentim. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. *Anais... [..]*. Recife: ANPUH, 2019.

VILLAS-BOAS, André. *Produção gráfica para designers*. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB Editora LTDA, 2010.

APÊNDICE A – PLANO DE AÇÃO DA PESQUISA EM ARTE: “ARTISTAS NEGRAS/NEGROS: POÉTICAS DE RESISTÊNCIA NA ESCOLA” – DIA: 08/09 até 18/11/2022

PLANO DE AÇÃO DA PESQUISA EM ARTE: “ARTISTAS NEGRAS/NEGROS: POÉTICAS DE RESISTÊNCIA NA ESCOLA” – DIA: 08/09 até 18/11/2022					
PESQUISADOR: DANIEL RICARDO MARTINS – 6 MOMENTOS					
Objetivos dos momentos	Plano de ação dos momentos	Recursos para os momentos/oficina de Xilogravura	Resultados da pesquisa	Proposta final dos momentos	Avaliação
-Compreender como artistas negras/negros podem transformar o ensino de artes visuais para superar o racismo e a discriminação na escola e na sociedade. -Possibilitar experiências artísticas com xilogravura, provocando o fazer e a criatividade das/os discentes no âmbito da cultura afro-brasileira. -Propiciar	-Momento 01 (todos os momentos terão duração de 2 horas): Iniciei assistindo o vídeo com entrevista do artista Galvão Pretto no programa <i>Primeira Pessoa</i>. Link: https://www.youtube.com/watch?v=iltcu_oUBPI -Depois, apresentar as pranchas com imagens construídas pelo artista, contendo informações de autoria, ano, materiais utilizados na construção e uma pergunta problematizadora em cada prancha. -Por último, criar um desenho a partir das conversas, debates, reflexões das/os discentes desse momento (esta ação se repetirá em todos os momentos). - Momento 02, assistir o vídeo <i>Cultne TV</i> da artista Renata Felinto sobre os afro-retratos. Link: https://www.youtube.com/watch?v=BRWZTGIBOBs -Apresentar prancha com imagens dos afros-retratos da artista com informações de autoria, ano, técnica e perguntas problematizadoras.	-Material didático da técnica xilogravura (elaborado pelo professor); - data show; -computador ligado à internet; - som, gravador; - celular; - imagens das obras de artistas negras/negros; -vídeos com entrevistas de artistas negras/negros; -lápiz, borracha,	Pretende-se, ao final da pesquisa, apresentar as experiências das/os discentes envolvidas/os no processo de investigação na escola, com arte no formato de um material artístico/pedagógico (catálogo digital) que se desdobrará em um artigo científico. Espera-se que o envolvimento das/os	-Fazer uma exposição das gravuras das/os discentes na escolar; -construir um material pedagógico/artístico (catálogo digital) com as gravuras das/os discentes; - escrever um artigo científico, relatando as reflexões e experiências vivenciadas durante os seis momentos; -publicar o artigo	-Verificar se a/o discente conseguiu aprender a técnica de xilogravura, compreender sua origem e a linguagem visual, reconhecendo nas imagens criadas e transformadas em gravuras – sendo humanas, paisagens

experiências visuais, sensoriais e artísticas no ensino de arte na escola, oportunizando às/aos discentes se reconhecerem como produtores ativos de arte. -Reconhecer elementos da arte africana e afro-brasileira. - Valorizar a cultura africana e afro-brasileira. -Identificar artistas negras/negros e os diferentes elementos africanos e afro-brasileiros na construção das pinturas, esculturas, gravuras na arte brasileira.	- Momento 03, assistir o vídeo <i>Acervo de Rubem Valentim</i>. Link:https://www.youtube.com/watch?v=3DrifdxPqJo - Apresentar pranchas com imagens dos emblemas do artista, contendo informações de ano, autoria, técnica e perguntas problematizadoras. - Momento 04, assistir o vídeo da entrevista de Rosana Paulino no Sesc TV – <i>Artérias</i>. Link:https://www.youtube.com/watch?v=l7u-mrfq9fs - Apresentar as pranchas com imagens construídas pela artista, contendo informações de autoria, técnica, ano e perguntas problematizadoras. -No momento 05, os/as discentes vão selecionar os desenhos criados nos momentos anteriores para começarem a gravar na madeira. - Momento 06: impressões das gravuras e considerações finais para a exposição das gravuras na escola e depois a montagem de um catálogo digital com as gravuras das/os discentes.	folhas de papel A4, papel carbono, pranchas de madeira MDF de 5 a 6mm, lixas, instrumentos de corte (goivas) para gravar a madeira, rolo pequeno de borracha, tinta tipográfico/gráfica ou tintas de xilogravura à base de água preta ou colorida, carbonato de cálcio para usar tinta à base de óleo, colher de pau, nanquim, luvas, estopa para limpeza, placa de vidro, espátulas de metal, álcool; -talco, jornais velhos; -papéis para	discentes com a arte na escola possa despertar o respeito às culturas africanas e afro-brasileira na construção de uma educação antirracista desses sujeitos envolvidos na pesquisa, estabelecendo novas possibilidades de instigar através de uma estética visual reconhecendo a sua própria arte. Por outro lado, espera-se que a explicitação das experiências pedagógicas associadas à arte em contexto escolar se tornem um estatuto de novas	científico.	objetos, símbolos, entre outros.
---	---	--	--	-------------	---

		impressão (sempre maior que o desenho) – <i>canson</i> ou outro desejado.	aprendizagens, incentivando outras/os profissionais da área das artes visuais, da educação e de áreas afins a refletirem sobre a importância do ensino de arte na escola para a produção de conhecimentos e para a formação da autonomia de sujeitos.		
--	--	---	---	--	--